

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

GOMES , Alex Sandro . Alex Sandro Gomes (Minduín) (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 11min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Alex Sandro Gomes (Minduín)
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Bruna Gottardo; José Paulo Florenzano; Raphael Piva Favalli Favero;

Levantamento de dados: Raphael Piva Favalli Favero;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Raphael Piva Favalli Favero;

Técnico de gravação: Carolina Soares Pires;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 31/10/2014 a 31/10/2014

Duração: 2h 11min

Arquivo digital - áudio: 4; Arquivo digital - vídeo: 4; MiniDV: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Ação Social; Alemanha; Anos 1980; Anos 1990; Eleições; Elites; Esportes; Família; Imprensa; Infância; Movimentos sociais; Mulher; Negros; Política; São Paulo; Segurança pública; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

Entrevista: 31.10.2014 Apresentações iniciais; nascimento em Capão Redondo, São Paulo; origens familiares; início da relação com o futebol e com o Sport Club Corinthians Paulista; a experiência da primeira ida ao estádio em 1984; as idas ao Estádio sem o pai em 1988; a relação com João Batista em 1989 e o primeiro contato com a Gaviões da Fiel; o perfil do torcedor da Gaviões e o ritual de entrada na torcida; o papel da Gaviões como formadora social; a primeira caravana com a torcida em 1991; opiniões sobre nordestinos, negros e mulheres na torcida; a atuação como diretor social; a interlocução da Gaviões com movimentos sociais e com o debate acadêmico; a relação com Martin Curi e análise das torcidas internacionais; críticas ao estatuto do torcedor; a falta de organização nos estádios e a violência nas torcidas; análise da briga de 1995 no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu); o impacto social das torcidas; a questão dos valores do ingressos; a mobilização contra Alberto Dualib; a atuação na vida política do Corinthians e na torcida; opiniões sobre as eleições dentro da torcida e do Corinthians; o significado de Andrés Sanchez como presidente eleito e como ex dirigente de uma torcida organizada; a relação da torcida com a diretoria do Corinthians; o processo de elitização das arquibancadas; o impacto da festa da torcida nos torcedores; a relação da Gaviões com os jogadores do Corinthians; o surgimento da figura de Fernando Capez e a falta de diálogo com as torcidas; o hooliganismo e a violência nas torcidas alemãs; o contato com a torcida do Club Atlético River Plate, “Los Borrachos del Tablón” e análise das torcidas argentinas; o poder da imprensa; a experiência na Arena Corinthians (Itaquerao); o presente e o futuro das torcidas organizadas.

Entrevista: 31/10/2014.

José Paulo Florenzano¹ – Obrigado, Minduim, pela presença. Para começar, Minduim, eu queria que você falasse o seu nome completo, data, local de nascimento, contar um pouco sobre sua família, seus pais, o lugar onde você nasceu.

Alex S. Gomes – Perfeito. Eu... Primeiro, agradecer o convite do Museu, do professor Florenzano e da Bruna, de todos vocês aí, de dar essa oportunidade da gente falar do que gosta: primeiro o futebol, do Corinthians, e conseqüentemente, os Gaviões da Fiel. Bom. Meu nome: Alex Sandro Gomes, vulgo Minduim, nascido no Capão Redondo, fundão da Zona Sul, Jardim Vera Cruz, filho de pai baiano, mãe paulista do interior, vale do Paraíba, região de Caçapava em São José; tenho 37 anos e 25 anos de torcida e Gaviões da Fiel, e andanças pelas arquibancadas do nosso país.

J. F. – E quais são suas primeiras lembranças do futebol? Como surgiu o interesse? Na infância, jogando na rua? De onde vem a paixão pelo Corinthians?

A.G. – Então. Meu pai, como bom baiano, escolheu o Corinthians como time do coração dele, assim que ele chegou em São Paulo, na década de 40-50. Eu vejo que o único entretenimento que ele tinha acesso, um acesso tranquilo, era o futebol, era o Corinthians, a diversão que ele tinha era o Corinthians, e isso ele foi trazendo para o seu seio familiar, foi passando de filho para filho essa paixão, ela foi florescendo entre a gente. Eu acho que no meu caso, um pouquinho a mais. Eu dei uma dose exagerada nesse torcer, nessa paixão, nesse amor que eu tenho pelo Corinthians.

J. F. – Você lembra a primeira vez que você foi ao estádio como foi, quantos anos você tinha?

A.G. – Com certeza. Com certeza. A primeira vez foi em 1984, jogo Corinthians e Santos. Perdemos para o Santos, saí chorando *pra* caramba. Eu me lembro que teve uma puta briga, (foi no Morumbi esse jogo) meu pai me protegendo da briga, muita gente saindo na mão, muita gente saindo no braço mesmo. Coisa feia. Meu pai acabou se machucando, enfim... Mas foi meu primeiro jogo. Meu primeiro jogo, primeira derrota do Corinthians, primeira tristeza, primeira entre aspas participação no meio de uma grande confusão – fiquei muito assustado. Enfim... Aliás, qualquer criança ficaria assustado, uma criança de cinco, seis anos, no caso. Mas foi marcante, foi interessante. Foi bem interessante.

Raphael Piva – E foi 1 a 0, gol do Serginho?

A.G. – Foi 1 a 0, gol do Serginho. Justamente isso aí. E hoje, você vê como é que é o destino, hoje eu conheço Serginho, a gente é amigo: ele é sogro do meu ex-cunhado. E eu lembro, e eu falo para ele: “Pô, Serginho, você frustrou um criança, na década de 80, que tem marcas até hoje.” E ele fala: “Porra, um dos maiores... vontade que eu tinha era jogar contra o Corinthians e ganhar.” Ganhar contra o Corinthians, para ele... aliás, eu acho que para qualquer jogador, tem um gosto totalmente diferente.

J. F. – E, a partir daí, você começou a frequentar estádio com seu pai? Como foi?

A.G. – Então. Dali, pelo menos nos clássicos, o meu pai me levava, quando ele estava de folga. O meu pai, ele iniciou o trabalho dele na construção civil, em São Paulo, assim como boa parte dos nordestinos que vieram para nossa cidade. E todo clássico, que tinha possibilidade de ele me levar, ele me levava. E tinha uma coisa que me recordo muito bem. Ele falava o seguinte: “Olha. Você pode entrar em qualquer torcida, mas não entra naquela ali” – ele sempre apontava para os Gaviões da Fiel. Eu cresci com aquilo. Por que não os Gaviões da Fiel? Só que eram os Gaviões da Fiel que me chamavam mais atenção, pela festa, pela energia que tinha na

¹ Como os entrevistadores não se identificam, não sei se o primeiro a falar é realmente o Florenzano.

arquibancada, pela batucada; eu me lembro muito bem que quando o jogo era no Morumbi, os Gaviões paravam lá fora e ficavam, pelo menos, uns quarenta minutos fazendo batucada: hino do Corinthians, músicas de outras escolas de samba, e colocava ali a criançada da minha idade próximo ali à roda, e o pessoal ali... porra, respirando Corinthians no cem por cento... Isso foi me aproximando. Até quando o meu pai começou, de certa forma, a se dedicar a outras questões, eu comecei, escondido, a ir no estádio. Aí já no ano de 1988.

R.P. – Quantos anos você tinha nessa época?

A.G. – Acho que eu tinha onze anos, onze para doze anos. E sempre tinha um amigo corinthiano para me colocar lá dentro do estádio e tal. Eu falava: “Pô tio, eu estou sozinho. Coloca aí, para assistir o Coringão” tal. “Porra, moleque, demorou. Vai, chega aí, fica comigo” e tal. E, geralmente, você entrava um camarada – gente boa *pra* caramba, já pagava o sorvete, já pagava a água, já perguntava *daonde* você era, aí você fazia uma amizade e tal. E aí, em 89, eu conheci um camarada chamado João Batista, ele morava na região leste, e ele sempre me colocava para dentro do estádio; e um dia, ele chegou, me convidou para conhecer os Gaviões da Fiel. Foi quando eu fui no bairro Bom Retiro pela primeira vez e vi o que é que era aquela torcida, a galera, tudo chegando com as suas famílias, com seus amigos e... camisa dos Gaviões – eu falava: pô, essa camisa é muito louca, é totalmente diferente, totalmente estilizada mesmo, com aquele aspecto, mesmo, de exército, organizado – está na arquibancada, incentivando o que você ama, o que você gosta etc.. Então, porra, cara, ter conhecido, primeiro, o estádio de futebol, ter assistido o jogo do Corinthians e, conseqüentemente, o que faz o Corinthians ser grande, que é a torcida dele... no caso, não só os Gaviões da Fiel, Camisa 12, Pavilhão, etc., mas a torcida de forma geral, e você conhecer a principal *in loco* –, porra, para mim foi uma coisa assim extremamente marcante. Não entrei em 89. Fui entrar, também escondido dos meus pais... A minha autorização etc. –, eu acho que foi mais ou menos assim –, ela foi escrita por um outro parceiro, que chegou: “Porra, não, escreve para o moleque lá e tal, põe o moleque, põe aí na torcida, e vamos que vamos”. Só que eu passei a frequentar mesmo os Gaviões, com mais independência, em 90. E aí, 91, eu já entrei, mesmo, para o Departamento de Bandeira; comecei ver na arquibancada os lances, dizia o seguinte: “pô, aonde que vai essas bandeiras que esses moleque está carregando?” E tal. Comecei a pegar uma coletividade com os moleques e tal, e aí, aquela [vade], mesmo, de moleque de periferia; às vezes, o cara chega... porra, o moleque é folgado, você também, de certa forma, não vai levar desaforo para casa, e aí você já mostra para que veio também. E aí tinha uma galera, a grande maioria de periferia, tinha uma minoria da minoria de classe média e uma minoria da minoria classe média alta e tal, mas que tinha uma sinergia. Uma das coisas assim que, para mim, era muito marcante. Então você via o *playboy*, mas não era *playboy* do ponto de vista... como posso dizer? – como a gente fala na quebrada, fala na periferia: um *playboy* vacilão. Não. *Playboy* que, o seguinte, agregava, trocava uma ideia. Se fosse para sair na mão, também saía, no maior *barato*. E era o cara que passava as informações para a gente. Passava, também, um pouco como funciona essa questão da sociedade, a nossa ação para dentro do Corinthians. Enfim, era o cara que começou, de certa forma, instruir aquela molecada a pensar de uma forma totalmente distinta. E os Gaviões têm esse aspecto. Os seus fundadores têm esse aspecto. Não é só uma torcida. É uma torcida militante. O camarada que chegar e falar para mim: “pô, os Gaviões é uma torcida” – “Não. Desculpa, amigo, então você não conhece os Gaviões da Fiel. Gaviões é uma torcida militante em prol do Corinthians, em prol da sociedade justa, igualitária, sim”. E, quem quiser mudar isso, você pode ter a plena certeza que está totalmente errado e não vai com os viés dos fundadores. Porque os fundadores, era e continua a ser isso boa parte dos fundadores. Não estou

dizendo que na totalidade, no cem por cento, mas a grande maioria, sim, pensava no Gaviões uma torcida totalmente militante.

Bruna Gottardo – Quando você entrou tinha algum ritual de iniciação?

A.G. – Porra, tinha. Tinha, sim. Quando eu comecei, mesmo, a participar do Departamento de Bandeira, é aquilo – pô, você está cuidando do patrimônio da torcida, você não vai jogar o seu patrimônio para qualquer um. Então... você tinha ali, na verdade, aquelas *mula* mesmo, do camarada chegar e esconder a bandeira, e ver a sua cara de preocupação, onde que está aquela bandeira... Você fala: “Porra, fodeu, sumiu a bandeira. Porra. Tem achar essa bandeira”. E você procurar, o cara falar: “*Meu*, deixou lá no Pacaembu”, e você sai lá dos Gaviões a pé, e voltar no Pacaembu, vazio, e pular dentro do Pacaembu, e procurar a bandeira, porque é seu patrimônio, é sua responsabilidade, de você lavar a bandeira, de você cuidar da bandeira, de você cuidar do espaço interno dos Gaviões da Fiel. Então, tem que ter um ritual para isso. Eu diria que o Departamento de Bandeira é aonde deve – ou, pelo menos, deveria – se formar ali os futuros líderes. É o camarada que vai entrar na frente da torcida em qualquer eventualidade negativa para com o coletivo; então, esse camarada tem que ser preparado. Não é posto lá. “Ah, eu gosto da torcida, ah, eu gosto dos Gaviões da Fiel”. Não, gente. Tem que... Não é gostar. Você tem que amar o que faz; estar dentro dos Gaviões, querer ser a frente dos Gaviões, você tem que amar. Teve uma certa ocasião, um jornalista falou: “Pô. Mas se possível dar a vida etc.?” Não é que você dá a vida. Se você está à frente, você está propício a tudo: você está propício a tomar uma paulada, você está propício, infelizmente, a tomar um tiro de bala perdida ou um tiro de bala não perdida de um policial não preparado. Enfim. Mas você tem que estar à frente. Se você é líder, você tem que estar à frente. O líder, ele está à frente do problema, de qualquer questão.

B.G. – E esses meninos que estavam nesse departamento de bandeiras, eles podiam ficar quanto tempo nessa função? Ou eles vão mudando de função? Tem alguma hierarquia?

A.G. – Não. Tem uma temporalidade, mas não é totalmente explícita. Mas...Essa temporalidade, ela dá uma variada de quatro, seis anos; o moleque, ali à frente do departamento, vai conhecendo os aspectos da torcida, vai participando também de outros...departamentos paralelos. Agora é aquilo, o líder – é uma coisa impressionante – o líder, ele nasce líder, ele não se torna líder. Então, às vezes, você vê um moleque... ou você via, por exemplo, na minha geração e na geração anterior –, praticamente, a geração de Pancho, de Metaleiro, de Jamelão, de Capão, toda essa rapaziada –, tinha os líderes natos mesmo. E a nossa geração também tinha os líderes, a molecada que... pô, a maneira do cara falar, a maneira do cara se expor, a postura do cara dentro e fora da instituição. Ou seja, é um líder. O cara nasceu para tal, não adianta. E o associado reconhece isso. E os companheiros, também, reconhecem isso. Não tem uma temporalidade. Mas via de regra, ele passa ali quatro anos, cinco anos etc.. Mas é o grande departamento dele assimilar, tanto para o lado bom, tanto para o lado ruim, o que é os Gaviões da Fiel, o que é que é essa escola de vida chamada Gaviões da Fiel.

J.F. – Quando você começou, então, a frequentar os Gaviões, você para a sede? Morava no Capão Redondo mas frequentava a sede?

A.G. – Então. Eu morava no Capão Redondo, eu ia para a sede, só que – assim – era tão presente... era não, é tão presente – os Gaviões na minha vida, mesmo hoje, na fase adulta, que eu passava o final de semana inteiro lá. Então... Eu acho que era o momento que a minha mãe menos se preocupava comigo, é quando eu não estava no Capão Redondo. E aí tinha um aspecto do seguinte. No Capão, quebrada dos Racionais, quebrada de uma pá de cara que canta hip hop, fez sucesso etc., não era a minha [base], porque eu não sabia cantar hip hop, eu não sabia tocar e não sei tocar absolutamente nenhum tipo de instrumento... Tipo assim: parece estranho

– “pô, Minduim, você é líder de torcida, ou foi líder de torcida, é um grande líder de torcida mas – pô – não sabe tocar uma ripa, não sabe tocar um surdo?” Não sei. Não sei, não tenho interesse. Enfim, meu papel dentro dos Gaviões, quando eu enxerguei que eu tinha um papel, era outro. E eu, estando no Capão Redondo, eu tenho a plena certeza que eu não seria esse adulto que eu sou hoje. Talvez eu estaria ali, no mesmo ostracismo. Não é demérito. Mas ali, saindo de madrugada, indo para o teu trabalho, para sua família, com seus dois, três filhos, dando seis horas da tarde, voltando, pegando o trânsito de duas horas e meia, descansando para o outro dia. Não é demérito isso. Não é nenhum demérito. Aliás, é uma coisa totalmente honrosa. Meus irmãos fazem isso, minhas irmãs fazem isso e etc.. Ou seja, foi opção de vida. E os Gaviões me abriu essa janela, abriu a janela para o mundo: “Porra. Fora o Capão Redondo, tem uma pá de coisa aí para você conhecer, para você desbravar”. E, através do Corinthians e através das caravanas, me possibilitou isso. E a minha família tem orgulho disso. Eu, aos meus 37 anos, sou um camarada feliz de ter conhecido, praticamente, quase todo o território nacional, por conta do Corinthians, por conta dos Gaviões da Fiel. Sou um camarada muito feliz em ter conhecido, por exemplo, alguns países, por conta do Corinthians, por conta dos Gaviões da Fiel. E posteriormente, por conta dos Gaviões. Isso é uma das coisas que eu sempre falo para o associado, sempre falo para a molecada que está no dia a dia aí, a gente representa uma instituição muito respeitada no mundo, não é só no nosso país, é no mundo. Os Gaviões da Fiel foi a primeira torcida, ou um dos primeiros movimentos sociais a ser analisado, estudado no Chile. Ou seja, não é pouca coisa. Quando você coloca uma instituição dessa para ser estudada, analisada dentro de uma universidade é sinal que ela contribuiu positivamente com aquela sociedade. E os Gaviões vêm contribuindo. Perdeu alguns aspectos? Perdeu. Eu vou entrar nesse ponto aí também. Me entristece? *Pra caralho*. Dá vontade de, às vezes, chegar e... chegar e pegar quem está fazendo errado algumas questões e falar: “porra, não é esse caminho, é esse”? Dá. Mas as pessoas têm que se aperceber e também querer. Nós tivemos fundadores. Eu costumo dizer o seguinte: quem tem passado tem história. E quem quer procurar sua história e quem quer procurar seu passado vai nos livros. Hoje, está muito fácil, a questão de vídeo de You Tube etc., que você busca entrevista lá, dos fundadores, você consegue buscar os arquivos lá da TV Cultura, você consegue ouvir um Chico Malfitani, você consegue ouvir um Flávio La Selva, você consegue ouvir o Joca, você consegue ouvir... o meu grande amigo que está lá na região de São José, e vou ser vizinho dele.... o Roberto Daga. É esses caras que pensaram os Gaviões da Fiel. É com esses caras que você tem que colher. Não estou falando para ser a mesma coisa. A sociedade mudou, a juventude mudou, vários aspectos do dia a dia mudou. Só que tem coisas que...o seguinte, é permanente. O objetivo de uma instituição é permanente. Se é objetivo da instituição, (no caso do Gaviões da Fiel, é o Corinthians) tem que ser permanente. Se alguns aspectos no Corinthians estão mudando hoje é porque a entidade também mudou. Se nos incomoda algumas ações, no que diz respeito a ex-presidente ou atual presidente, ou atual diretoria, é porque a instituição também, de certa forma, se deixou levar por outros aspectos ou por outros interesses que não o futebol, que não o Corinthians. Pelo menos, a minha opinião.

J.F. – Minduim, você falou que, através das caravanas, pelos Gaviões, você pôde conhecer o Brasil. Você se lembra da sua primeira caravana, sua primeira experiência?

A.G. – Lembro. Lembro perfeitamente, cara.

J.F. – Conta como foi essa [experiência].

A.G. – Perfeitamente. Minha primeira caravana foi um final de 91, foi Corinthians e Guarani, Brinco de Ouro². Muito louco. Foi um sábado à tarde, um sol de lascar, quase igual esse que está aqui no Pacaembu. Puta. Muita brincadeira no ônibus, entre a gente e tal. No estádio, porra,

² Estádio Brinco de Ouro da Princesa – Campinas, São Paulo.

aquela falta d'água do caramba, não tinha um bebedouro, alguma coisa do gênero, para sanar aquela sede e tal, e a gente ali, sem camisa, trocando uma ideia. Depois, começa ali o jogo, noventa minutos, daquele jeito, você com uma sede desgraça, tendo que incentivar o time. O Coringão, nesse dia, empatou: 0 a 0. Teve um pau lá fora feio, com a... se eu não me engano, com a torcida Guerreiros Alvinegros, uma coisa assim. Campineiro é bem bairrista mesmo, aquela coisa toda. Foi o segundo grande conflito que eu visualizei também, e não participei, não tive coragem, falei: “Caramba! O pau quebra mesmo”. Eu devia ter eu acho que meus treze anos aí, treze para quatorze anos. E foi uma caravana com o seguinte, marcado... pelo menos para mim, numa *parada* que a gente teve, quase aqui perto de São Paulo, por conta de um camarada – acho que tinha furtado ou... furtado algo, sei lá; sei que a polícia parou, desceu o cacete em todo mundo, quem era menor, quem não era menor. Enfim, foi um *rendez-vous* que... pelo amor de Deus. Mas foi marcante, a primeira caravana foi marcante, sim.

R.P. – E, de lá, você começou...

A.G. – Pô. De lá, eu fui pegando mais coletividade com a molecada; alguns são meus amigos até hoje, grande amigos por sinal, hoje, pai de família; alguns frequentam, ainda, um a casa do outro e tal. E é muito louco isso, porque... o seguinte: você quando é moleque, você não tem um direcionamento real para a vida ainda: o que é que eu vou ser? Dentro da torcida, não tem essa *parada*: o que é que eu vou ser? Você está, você está sendo ali, é o seu dia a dia, é o teu momento, sua *parada* é agora, você não pensa no futuro. E a gente não pensava, de fato, porra; eu pensava que eu ia envelhecer... o seguinte: caravana, cachaça, Corinthians, timão [é o único], noventa minutos, e vai segurando. E se tivesse algum problema para resolver, vamos resolver, e vamos que vamos. Mas não, a própria torcida também vai ter moldando. Seus próprios amigos ali, no caso, vai te moldando, a vida vai encaminhando, aí você vê que um vai parando, “puta, entrou na faculdade”, “pô, qual o curso que o camarada está fazendo?” – “ah, está fazendo zootecnia”, no caso dos moleques da minha geração. Um foi fazer zootecnia, outro foi fazer veterinária, o outro foi fazer engenharia, outro foi fazer cinema, aí o louco do Minduim foi fazer história, e o outro foi fazer educação física. Pô, cada um foi encaminhando ali. O outro, não, se dedicou à questão da mecânica. Enfim. O lance louco de torcida é o seguinte, é que você consegue concentrar no mesmo espaço tribos totalmente distintas, que na rua, jamais – mas jamais – seriam amigos. Jamais. E não é porque falta vontade. É porque a geografia da cidade não permite, *velho*. Então, tipo assim, o cara não ia na minha *quebrada*... por exemplo, hoje eu moro em Itaquera – pô, o cara que mora no Itaimbibi, o cara pode ser um puta gente boa, o cara que mora na Vila Nova Conceição, em Perdizes, pode ser um puta gente boa... Aiiias, tenho um grande amigo que mora aqui em Perdizes, o Dudu, meu irmão, meu irmão de fé, de sangue enfim. Só que a geografia não permite, *velho*, o cara estar lá na minha *quebrada* e eu estar na minha *quebrada* aqui. Além da questão comercial, porque... Porra, tudo bem, eu não bebo hoje, hoje, eu não bebo, mas eu tenho a plena certeza de que o suco de abacaxi lá na minha *quebrada* é muito mais barato do que aqui em Perdizes ou Vila Nova Conceição. Então, vou ficar na minha *quebrada*, foi ficar com os meus. Mas porra, a torcida permite isso, *velho*, a torcida permite você trazer os caras; aquela diferença que a sociedade valoriza e o caralho, essas besteiras que a sociedade valoriza, pô, dentro da torcida, é totalmente esmagada, porque não tem espaço para isso. Pô, vai ter espaço para o cara que não gosta de nordestino? Porra, *velho*, noventa por cento dos caras que está na torcida é filho de nordestino; se não é filho, é neto de nordestino. Não vai ter espaço? Ah, porra, o cara não gosta de preto. Não. Desculpa, *velho*, sessenta, setenta, talvez oitenta por cento, se não é filho de preto, ou é preto ou é mestiço etc.. Eu tenho amigo... Vai falar mal de preto dentro de uma torcida, para você ver. Então é aquilo... A mulher, ela tem um espaço, ela é respeitada, diferente na sociedade. Muitas das

vezes, na sociedade, a mulher é menos respeitada do que dentro da torcida. Às vezes, o camarada chega, fala: “Pô, mas na torcida tem machismo *pra* caramba”, e tal, não sei quê. Eu falo: “Espera aí. Machismo tem na sociedade. A torcida tem regras. É diferente”. São dois aspectos totalmente distintos. Por se tratar de um ambiente masculino, extremamente masculino, tem certas coisas que não cabem para mulher mesmo, de fato. Não dá nem eixo. Eu não vejo uma mulher na frente de uma briga, pelo amor de Deus, ou defendendo a torcida. Não. Eu vejo o homem protegendo ali a mulher, a família, etc. etc.. Não vejo a mulher carregando peso de trinta, quarenta quilos nas costas. Desculpa, *velho*. Ela pode ter até vontade; mas não é para ela aquilo ali. Mas ela tem o espaço dela dentro da torcida, que ela contribui. Que, aliás, na minha opinião, deveria ter muito mais espaço ainda, para opinar, etc. etc..

B.G. – E aí, depois do Departamento de Bandeira, como vai crescendo a sua atuação?

A.G. – Então. Como eu te disse. No meu caso, depois do Departamento de Bandeira, eu tive a primeira oportunidade de exercer a função de diretor social. De exercer não. Na verdade, como eu já tinha, de certa forma, essa preocupação com o associado de baixa renda e com a população, também, de baixa renda, que morava ali próxima do Bom Retiro... Antigamente, tinha a favelona do Gato ali, que agora é um conjunto habitacional. Que, aliás, o seguinte, é uma das coisas que, infelizmente, essa grande mídia, ela não expõe, ela sempre expõe a torcida de uma forma totalmente negativa. Aquele conjunto habitacional foi uma luta dos Gaviões da Fiel com os movimentos de moradia, diga-se de passagem. Ou seja, ali tem assentado, praticamente, quase trezentas famílias. Você vai me perguntar: “Pô, então os Gaviões da Fiel ajudou essas...” Sim. Os Gaviões da Fiel ajudou essas famílias a terem ali o seu teto, do lado da nossa entidade, da nossa instituição. E, durante muito tempo, a gente serviu ali sopa, a gente serviu...o cobertor, a gente consertou ali o barraco da dona fulana, que estava aberto e passava em baixo o rio Tietê, etc., a gente auxiliou em funeral. E são coisas que, o seguinte, infelizmente, a grande mídia, ela não expõe, ela não menciona: “Pô. A torcida tem seus problemas? Tem, lógico. E não são poucos. Mas tem algumas soluções, que as torcidas dão, que são bem maiores do que os problemas que elas causam”. Eu costumo dizer o seguinte: as torcidas organizadas fazem muito bem o papel que o Estado não faz. A torcida, ela oferece entretenimento, ela oferece lazer, ela reeduca o jovem de periferia... Porque não adianta o jovem de periferia... não só o jovem de periferia, desculpa, o jovem de periferia, o de classe média e média alta. Não adianta o jovem de periferia, classe média e média alta chegar lá e falar: “Pô. Aqui, eu vou poder fazer tudo e mais um pouco”. Muito pelo contrário, meu amigo. Se você não se enquadrar, você é convidado a sair. É muito fácil. “Pô, mas meu pai é juiz”; “pô, mas meu pai é promotor”; “pô, mas meu pai é do partido, é do comando, é não sei...” Meu amigo, pouco interessa. Aqui você está dentro dos Gaviões da Fiel, e a cartilha dos Gaviões da Fiel, a doutrina dos Gaviões da Fiel, a filosofia dos Gaviões da Fiel e a ideologia dos Gaviões da Fiel é essa. Você vai respeitar o seu espaço, você vai respeitar o outro e você vai respeitar a outra. E ponto. Então eu iniciei organizando esse coletivo para formar o Departamento de Bandeira, o departamento social. E, depois do departamento social, a gente organizou o departamento cultural e o departamento... que hoje o pessoal chama de departamento VIP, que é o departamento, na verdade, que trabalha com o novo associado. Por exemplo, se você for se associar nos Gaviões da Fiel, você recebe ali, no caso, o protocolo com a data da reunião que você vai estar participando, e nessa reunião, você vai ouvir ali o que é e o porquê dos Gaviões da Fiel. Via de regra, às vezes, com um fundador ou, via de regra, com um camarada que tem uma temporalidade, na torcida, um pouquinho mais extensa; mas você passa por essa reunião para você ter a ciência real do que você está adentrando. Você não está adentrando em qualquer instituição. “Não. Vou entrar no clube do a, do b e do c e vou fazer o que...” Não. Você está

entrando numa instituição que sabe muito bem o que quer e o que está buscando para dentro do clube, para dentro do Corinthians.

J.F. – Então, esse departamento social, ele surge nesse período.

A.G. – O departamento social, ele surge nesse período. Anterior a isso havia pontos de auxílio às favelas locais, ao associado de baixa renda. Quando cria-se esse departamento, aí não, aí se institui mesmo – a campanha do agasalho, se institui a campanha de doação de leite, doação de sangue; prepara-se, na verdade, até mesmo a possibilidade de se criar, através desse departamento, uma associação para angariar recursos, seja do governo federal, governo municipal ou governo estadual. Ou seja, começa a discutir mesmo uma certa – entre aspas – profissionalização dessa ação dos Gaviões da Fiel.

J.F. – E uma interlocução com esses movimentos sociais.

A.G. – E uma interlocução... Então. A questão dos movimentos sociais é bem peculiar. Por quê? Como eu disse, os Gaviões nasceu com personagens que já se movimentavam na sociedade. Boa parte dos fundadores *sairam* dos movimentos operários do ABC, diga-se de passagem. Outros fundadores, de classe média, média alta, participaram ativamente, dentro do MDB e alguns movimentos de vanguarda, contra a ditadura militar. Ou seja, essa entidade, de fato, não pode ser considerada só uma torcida. E a gente também já tinha esse viés. Na nossa geração, eu fui um pouco mais atrevido, no sentido do quê? Eu comecei a colocar os Gaviões para dentro do debate acadêmico. Comecei a ir nos centros acadêmicos e falar: “Olha, sou dos Gaviões da Fiel, vamos promover um debate sobre torcida organizada?” – “Porra Mindu, mas com todas as torcidas?” – “Com todas as torcidas”. – “Mas não vai ter briga?” – “Não, não vai ter briga, não. Vamos trazer aqui a Mancha [Verde], a Torcida independente, a Torcida Jovem. Vocês precisam ouvir esses caras. Esses caras não são isso que a grande mídia apregoa, não. Tem muita coisa para esses caras contribuir e estão contribuindo”. E aí, nesse ínterim, eu comecei a ter uma relação um pouco mais forte com o MST [Movimento dos Sem Terra].

J.F. – Em que ano foi isso?

A.G. – Foi ano de 2002, que eu levei o... levei uma carta de intenção, para participar do Fórum Social Mundial.

J.F. – Em Porto Alegre?

A.G. – Em Porto Alegre. Só que aí o próprio Fórum Social negou...

J.F. – É mesmo?

A.G. – Negou. Na primeira edição, negou, acabou negando.

J.F. – Dos Gaviões.

A.G. – Não. A participação de qualquer torcida, e em cima, os Gaviões. Eu voltei frustrado *pra caralho*. Voltei puto, xingando. Falei: “Pô, esses caras não querem saber de transformação coisa nenhuma e tal. E no ano de 2003, os caras aceitaram, aí eu participei da primeira mesa. Aí, nessa mesa, eu acabei conhecendo um alemão, o Martin, que hoje ele está radicado no Brasil, é sociólogo, hoje ele é professor da Federal, Federal do Rio de Janeiro...

R.P. – Martin Curi?

A.G. – Isso. É da Federal do Rio, se eu não me engano. Da Universidade Fluminense. Aí a gente começou a trocar umas figurinhas e tal, aí eu falei: “Pô, eu tive a oportunidade de conhecer teu país, cara. E a Suíça também”. Ele falou: “Mas por conta do quê?” Falei: “Por curiosidade. Querendo saber como é que eram os aspectos lá, os torcedores, na Alemanha”. Ele falou: “Pô. Mas a Suíça não tem tradição”. Eu falei: “Ah. Na Suíça, foi uma outra curiosidade”. Aí ele falou: “Ah. Já entendi”. E ali eu tive oportunidade de conhecer algumas torcidas, na Alemanha, e eles estavam iniciando um projeto lá, no caso, de formalizar uma instituição nacional, e essa instituição ser bancada, de certa forma, pelo governo alemão. Estava no

embrião isso aí. Eu achei do caramba. E comecei ver também que, o seguinte, muitos problemas que ocorria aqui ocorria lá também, se não pior. Então eu falava: “Porra, *meu*, toda essa informação que a imprensa brasileira menciona – o futebol europeu é organizado, não tem briga, não tem isso, não tem aquilo... pô, é um exemplo a ser seguido –, pô, era uma puta falácia. A porrada comia, e não era pouco. Comia antes do jogo, comia depois do jogo e tal. Na arquibancada, acontecia de tudo e mais um pouco: desrespeito ao policial, desrespeito ao camarada mais fraco, vamos dizer assim. Ou seja, tinha uns aspectos... era pior do que ocorria no nosso país. Só que...O que me trouxe de volta na bagagem foi justamente essa vontade de se criar essa grande instituição, que representasse as torcidas organizadas. Paralelo a isso, você já tinha o Ministério dos Esportes fazendo o estatuto do torcedor, sem um diálogo abrangente, sem um diálogo, que, de fato, esse estatuto viesse de encontro às necessidades do torcedor – e um dos aspectos a ser destacado é o fato de você punir a instituição, e não o indivíduo. Que é uma bandeira que eu falo até hoje. Não. O camarada aprontou dentro dessa estrutura ou fora dessa estrutura, está dentro do contexto do jogo do futebol, ele tem que assumir a responsabilidade, não a instituição. A instituição, ela está aqui para torcer. E, paralelo a isso, tem que ter o quê? Uma investigação. Se a instituição, de fato, está inserida no fato, ou seja, no crime, então a instituição tem que ser punida, posteriormente. Mas não. O que é que ocorre ao longo desses dez anos? O que ocorre é: o camarada coloca a camisa dos Gaviões da Fiel, aí ele furtou ou ele brigou no largo do Paissandu ou na rua Direita, no viaduto do Chá. Pô. É a instituição, que está lá no Bom Retiro. Não. Esse camarada, se ele furtou, se ele roubou, se ele agrediu e etc., a instituição quer que ele seja punido, quer que seja utilizado para ele o rigor da lei, o que está posto ali no caso. Agora a instituição, ela não tem poder sobre a vontade individual desse camarada. Com esse movimento também, a partir de 2002, começou ter os oportunistas, que viram na violência da torcida organizada... O marco foi em 95, que se expôs para todo mundo e etc.. Mas, viu nessa possibilidade do quê? Se expor, e posteriormente, com essa exposição exacerbada, o cara começa a ter o quê? O ganho político. Então, às vezes, o camarada que vota... o cidadão que vota no camarada que defende a torcida única, a punição da torcida etc., talvez ele imagine o seguinte: “não. Estou votando contra a violência no futebol, etc. etc.”. Muito pelo contrário. Ele está votando para o fim da festa na arquibancada e, conseqüentemente, para o que acontece dentro do campo. E eu tenho, sinceramente, desbravado, mesmo, um debate muito, muito forte em relação às torcidas organizadas. E por que eu defendo tanto as torcidas organizadas? Não é só os Gaviões da Fiel, eu defendo a Mancha, eu defendo a torcida independente, torcida jovem, a Sangue Jovem, a Dragões da Real, as torcidas do Rio de Janeiro, a jovem, a Fúria Jovem, a Força Jovem, enfim, o que eu puder defender eu vou defender, em todos os aspectos. Por quê? Nós estamos para um fim, que é promover festa na arquibancada. “Pô, Mindu, mas só que, o seguinte, às vezes, o cara chega e quebra o pau dentro e fora do estádio, etc. etc.. Qual é a resposta que você me dá para isso?” A resposta é muito simples: a maneira que você o recebe é a maneira que você vai ser tratado. Qual é a estrutura que está posta para o torcedor organizado e não organizado nos estádios de hoje, inclusive nas grandes arenas? Se você me perguntar qual é a estrutura que está posta. E quando falo a estrutura é uma questão totalmente organizada, em que o torcedor organizado ou o líder de torcida vai lá no batalhão, ele é recebido pelo coronel que vai ser responsável pelo jogo, e a fala dele é respeitada. O que ocorre hoje, não, o que ocorre é: o coronel, ele se reúne com a tropa, - aliás, perdão - com outros oficiais, com o chefe de outros departamentos e de outras instituições e traça uma linha de estratégia de segurança para esse jogo. *Legal*. O camarada estudou lá as estratégias de recuo, as estratégias de pontos específicos, o ponto de colisão e não colisão, bacana – isso aí você aprende lá mesmo, estudando etc. etc. –, até

funciona na prática, matematicamente bate e tal –, só que você esquece de ouvir e esquece que você está lidando com pessoas. A mesma coisa do economista. O cara só analisa o número. E que me perdoem os economistas, que eu fiz dois anos de economia. Mas... porra. Mas não analisa pessoas, gente, o que elas pensam etc.. Pô, o cara traça e coloca no peito do presidente da torcida: “Ô, é isso aqui que a gente vai traçar”. Aí o presidente fala assim: “Ô coronel, só que, se a gente fizer um outro viés, eu consigo trazer toda a torcida para cá. A gente faz um único caminho, chega nesse horário, adentra no jogo, promove a nossa festa e volta por esse mesmo caminho. E qualquer problema que o senhor tiver fora desse aspecto aqui, fica mais fácil para haver a punição contra o indivíduo, e não contra a instituição”. Que muitas das vezes o cara não ouve, não quer escutar etc., acontece qualquer tipo de conflito isolado... quem foi? Foi as torcidas organizadas. Eu, na verdade, até peço para vocês o seguinte: façam um teste, ou busca nos arquivos de 95, quando teve, infelizmente, esse conflito dentro do Pacaembu, o índice de audiência que as tevês tiveram. Façam um teste. E, se eu estiver errado, eu quero que vocês me procurem depois, falar: “Mindu, você estava equivocado”. O índice de audiência e as propagandas que aconteceram logo depois da amostragem dessas imagens. E aí vocês buscam um pouco antes, uma semana antes, num jogo antes, o mesmo horário que é passado esse programa, o número que bateu de audiência e o tipo de propaganda que foi mostrado. Você pode me perguntar: o que você quer dizer com isso, Mindu? Eu quero dizer que violência, infelizmente, na nossa sociedade, vende e não é pouco, e dá muita grana; e dá muita grana. Qualquer conflito de torcida, ela não é analisada de uma ótica em 360 graus: quem foi o culpado e quais foram as deficiências. Ou a gente acha que, por exemplo, na questão da Copa do Mundo não veio problema? Teve. E não foi pouco. Cadê que a grande mídia mencionou o quebra-pau que houve entre os uruguaios e os ingleses em Itaquera? Vocês viram qualquer imagem nesse sentido? O pau quebrou em Artur Alvim, o pau quebrou dentro do estádio, o pau quebrou fora do estádio. Ah. Mas foi briga isolada. Isolada uma ova. Isolada, uma ova! Foi uma briga generalizada, sim. Os caras bateram em policial etc. etc. etc.. O conflito começou por último dentro do estádio e foi terminar, praticamente, quase na catraca do metrô Itaquera. Conflito de três minutos, quatro minutos. É conflito *pra* caramba, é briga *pra* caramba. Você não viu uma nota, você não viu uma imagem. Mas por quê? Quem são as empresas que estão cobrindo esse evento? Me perguntaram também se a Copa do Mundo foi benéfica para o país. Sim, foi muito benéfica. Também, ajudou a mostrar que o brasileiro, à maneira dele, é organizado – para receber, para de certa forma se preparar. A pergunta que fica é: por que é que nós podemos manter esse tipo de qualidade de serviço nos demais jogos, nos demais campeonatos?

R.P. – Eu queria pegar esse episódio que você está mencionando, que é a briga de 95 aqui no Pacaembu. Você considera que foi realmente um divisor de águas assim? O que mudou nessa experiência da arquibancada? Empobreceu a festa? Houve restrição? O que mudou?

A.G. – Professor, são duas coisas. Essa briga aconteceu em 95. Como eu mencionei, eu entrei, ativamente, nos Gaviões em 91, comecei a participar ativamente. Em 92, a ida dos Gaviões para dentro da academia e a ida dos Gaviões para dentro dos movimentos sociais de uma forma totalmente latente fez com que os Gaviões e essas lideranças comessem a se preparar, a estudar, querer ir para dentro da universidade, querer enxergar a sociedade de uma forma diferente, a querer participar dos partidos políticos e tal, etc.. E as torcidas estavam crescendo. Os Gaviões lançou um candidato. A primeira vez, os Gaviões lançou o Antonio Goulart como candidato a deputado estadual, pô, o camarada teve, se não me engano, se não me falha a memória, ou foi 24 ou 34 mil votos. E posteriormente, ele saiu candidato a vereador e foi eleito. Porra. Espera aí. O camarada vem de torcida. A Mancha crescendo *pra* caramba, Torcida Independente crescendo *pra* caramba, Torcida Jovem crescendo *pra* caramba. *Legal*. Aí esses

caras passaram a dialogar, finalzinho de 94. O pau quebrava na rua, tal, isso, aquilo; só que passaram também a dialogar em alguns pontos. Já começaram a participar, junto, de algumas ações de movimentos sociais na praça da Sé, com bandeira, etc.. Pô. A sociedade, ela é dividida, não adianta a gente negar isso. Da mesma maneira, nós, que temos lado – e o Minduim, que também tem lado na sociedade, visualiza a extrema direita da nossa sociedade, eles também nos visualizam. Só que os caras já têm algo organizado: os caras têm a tevê, poderosíssima, tem o jornal e tem a revista, que apregoa a informação que os caras quiserem. Quando os caras começam a perceber que as torcidas estão se organizando, e ali começa a ter o burburinho que: pô, talvez a gente vá formar ali uma instituição nacional etc. etc.. Pô, a gente está falando nacional. Se em São Paulo, à época, os Gaviões tinha quarenta mil, a Torcida Independente tinha vinte mil, a Mancha tinha onze mil e a Torcida Jovem tinha sete mil, porra, a nível nacional, esses camaradas devem chegar, no mínimo, no mínimo, a umas quinhentas mil pessoas. Vamos ver como é que a gente começa a trabalhar isso. Veja um aspecto desse jogo. Semifinal de juniores. A quantidade de policiais dentro desse estádio aqui (Pacaembu), pode ir buscar na súmula, dezoito policiais. Dezoito. Fala: “Pô. Você está equivocado”. Dezoito policiais estavam dentro desse estádio naquele dia. Dezoito. Menos de um caminhão. Me fugiu da memória a quantidade que tem em cada caminhão. Não sei se é meio batalhão, se é trinta e dois soldados. Mas, enfim, era dezoito – dentro do estádio. *Legal*. Duas horas e meia depois tinha o jogo do Corinthians. Aí você vai me perguntar: “Pô. Mas era uma conspiração? Os caras estavam querendo armar uma conspiração? Você acha que foi isso?” Acho não, tenho certeza. Por quê? A primeira oportunidade que eles quiseram armar isso, e não deu certo, foi aonde? Em Ribeirão [Preto]. Corinthians e Palmeiras.

J.F. – Final do [Campeonato] Paulista?

A.G. – Final do Paulista. A primeira grande oportunidade.

J.F. – () do Marcelinho?

A.G. – Os holofotes, a imprensa, todo mundo vendo, olhando, horário nobre. Nobre, que eu digo, para o futebol: quatro da tarde etc. etc.. Gol do Elivélton, inclusive. *Legal*. A segunda oportunidade foi essa. Só que, essa, nós tínhamos um estádio interditado pelo Contru. Gente. Se você for aqui no Teatro Abril, se você for num cinema aqui, que foi reaberto, o Belas-Artes foi reaberto, aqui da Consolação, estava interditado pelo Contru, você pode assistir? Não, não pode. Se está interditado, não podia ter esse evento dentro do Pacaembu. Um segundo aspecto. O terceiro foi o seguinte: Palmeiras venceu, a torcida entrou para comemorar. Pega as imagens e vê a quantidade de policiais que tem próximo ao alambrado. Pega as imagens e vê por onde que a torcida do São Paulo [Palmeiras?] começa adentrar. Aí eu falo para você: “Pô, mas por que os caras não evitaram?” Pega uma Economíades, ou pega qualquer jogo ou qualquer festa universitária que abranja a PUC e abranja o Mackenzie. Eu não preciso dizer mais nada. Quem estudou nessas duas universidades, o universitário que está me assistindo agora, ele sabe. Ele que hoje é promotor, é juiz etc. etc.. Se o pau não quebra entre essas duas... não [as] instituições, entre esses elementos que compõem essas duas instituições. É o diferente. Você lidar com o diferente já é difícil, você conviver já é difícil; e, no que diz respeito a uma disputa que envolva o futebol, é mais difícil ainda. Então ali, de fato, foi o divisor de águas, no sentido do quê? De começar a enfraquecer o movimento das torcidas. Posterior a isso veio a mudança das torcidas, do espaço da arquibancada – Gaviões, a Mancha, a Torcida Independente [tiveram] que sair do centro dos seus estádios – Maracanã... Maracanã também, mas... Morumbi, Pacaembu –, para vir para a lateral. Paralelo a isso, eu, conscientemente, dentro dos Gaviões, eu fui contrário à assinatura desse termo (os caras chamaram lá na Federação) que reduzia os espaços na arquibancada, 20% dos espaços da arquibancada para a torcida organizada. Eu falei não, a gente

tem que se colocar contrário. Liguei para a Mancha, liguei para os Gaviões, liguei para a Jovem, tem que se colocar contrário, independente da nossa rivalidade etc. etc.. Porque se a gente deixar passar, porra, vai acabar as torcidas. Eu já falava isso aí há dez, doze anos atrás. A questão das bandeiras, a questão das bexigas, a questão do papel picado, a questão das fumaças. A minha geração, eu peguei, entrar no Morumbi com o departamento de bandeira e acender as fumaças, papel picado etc. etc.. Agora o que me revolta, e até me emociono [ao] falar isso aí, por quê? Quando um promotor banca uma bobagem dessa e ele, em cima disso, é eleito deputado estadual; quando uma delegada banca uma bobagem dessa, em cima disso, ela sai candidata a vereadora... E nada contra os caras saírem deputado estadual e vereador, muito pelo contrário. Eu acho que é até *saludar* [salutar], e espero que as torcidas também passem a ter seus representantes dentro das câmaras municipais, assembleias legislativas etc.. O problema é o seguinte: é você se utilizar de uma situação para se sobressair, e não dar solução para tal. Porque a solução não é banir a torcida, a solução não é tirar os mastros dos estádios, não é tirar a festa, não é tirar papel picado nem a fumaça. Muito pelo contrário. Quando você tira esses elementos, você dá margem para esse jovem pensar uma outra questão. E aí não precisa ser sociólogo, historiador, pensador, filósofo, promotor etc.. Muito pelo contrário. Se a torcida... Veja bem. A matemática é: a torcida, ela faz o papel do Estado, ela reeduca esse moleque, ela leva para o estádio, ela leva de volta para a sede; quando esse moleque se adentra no estádio e só tem o surdo para ele tocar e a música para ele cantar, e não tem mais nada para ele fazer, lá fora, ele vai procurar o que fazer. Você pode ter a plena certeza. E aí, professor, o senhor pode me perguntar: “Mas por quê?” Se tem a festa, e o jogo é quatro horas da tarde, esse departamento de bandeira, essa molecada vai ter que chegar necessariamente, no estádio, por volta das treze horas, treze e trinta, porque ele vai ter que preparar a arquibancada, colocar a faixa, colocar a bandeira, ver onde vai ficar *legal* a fumaça, ver como é que está o vento, se está para o norte, se está para o sul etc.. – se está para o norte, ele vai ter que jogar para o sul, se está para o sul, ele vai ter que jogar para o norte –, para a fumaça não vir para a própria torcida dele. E por aí vai. E a torcida de lá, a mesma coisa. Vai provocar... vai começar a promover o quê? Festa, festa, festa. Se você tem a torcida promovendo festa, se você tem os meios de comunicação alavancando essa festa na arquibancada... Não é fazendo o que eles fazem aí anterior ao clássico. “Ah. Grande batalha no final de semana”, “Grande rivalidade”, “Corinthians...” Porra. Aí pega a imagem da torcida de mil novecentos e bolinha aí mostra aquela festa toda. Mas não é isso que ocorre. E, com isso, você frustra o torcedor que ama o futebol, você frustra o torcedor organizado que quer fazer a festa na arquibancada e frustra toda uma nova geração, porque o futebol não é isso. E a torcida, ela faz parte desse contexto. E eu falo, muitas das vezes, nas nossas conversas de bar, que a gente fala que é um povo frio, ou que não gosta de conversar com ninguém etc., hoje, está dando baile no mundo, de festa na arquibancada. E não é o argentino, não. Não é o argentino. O argentino faz festa demais. O que os caras não contam e que muitas das vezes esses jornalistas esportivos brasileiros não contam é o seguinte, que toda festa que ocorre lá na Argentina, *toda festa*, a bandeirinha, o guarda-chuvinha, o bandeirão etc., eles se inspiraram nos brasileiros, gente. Eles se inspiraram nos brasileiros. Essas festas, elas começaram a ocorrer na Argentina muito depois, comecinho da década de 90. Pega vídeo do Boca Junior lá, você vai ver que... você não vai visualizar festa na arquibancada. Você vai ver pula pula, que é dos caras mesmo. Mas festa na arquibancada você vai começar a visualizar a partir da década de 90. Por quê? Porque na década de 70, a arquibancada e o futebol foi *foda* no nosso país. Na década de 80, a arquibancada e o futebol foi maravilhoso, no nosso país. E na década de 90, esses camaradas... que nunca gostou do futebol... Não adianta o corinthiano chegar “pô, eu sou corinthiano *pra* caralho, sou conselheiro

do Corinthians... Não gosta de futebol. Você gosta de uma outra coisa, chamada poder. Então assim, é diferente, professor, é muito diferente. E querer se sobressair em cima disso, em cima de milhões de apaixonados, eu chamo isso de crime. E aí os nossos dirigentes não bota fé de se contrapor a isso. Sinceramente, tinha que ter alguns dirigentes, dentro do próprio Corinthians, que *se contraposse* [*pussessem*]a isso. O jogo é privado, o futebol é privado, a instituição é privada. Você tem que ser o responsável pelo aspecto do que ocorre dentro e fora da sua instituição, não é isso? Então, tinha que bancar, tinha que enfrentar. “Ah. Mas a lei não permite”. A lei não permite, mas o espetáculo é meu e eu me responsabilizo. E as torcidas têm que ir nessa mesma sinergia, têm que buscar estar dentro do clube, para fazer valer essas bandeiras.

R.P. – Mas quando acontece esse episódio de 95 que você mencionou, houve uma tentativa de diálogo entre as torcidas? Você teve uma iniciativa de entrar em contato, de tentar se contrapor a?...

A.G. – Teve uma grande manifestação, aqui mesmo, no Pacaembu, com todas as torcidas, da Mancha, a Torcida Independente, bandeira, faixa etc.. Teve uma tentativa de se criar uma instituição nacional, que foi a **Conatore**, que ela acabou não vingando; não vingando, pelo menos na minha opinião, pela falta de traquejo de alguns líderes que encabeçaram a **Conatore**. E quando eu falo traquejo é justamente o que eu venho discutindo já de hoje, quando você cria uma instituição para representar as torcidas organizadas, seja ela a nível estadual ou a nível nacional, essa instituição, ela não é responsável para discutir as questões domésticas que envolvem as torcidas. Se teve o confronto na Zona Leste, se teve confronto na Zona Norte, se teve confronto na Zona Oeste, na Zona Sul etc., problema de quem está participando. Essa instituição, ela tem uma função específica: zelar, primeiro, pelos direitos que essas torcidas organizadas deveriam ter, e não têm. Elas estão sendo tolhidas, literalmente. Literalmente. E, no estado de São Paulo, está no grau do oitenta por cento. No oitenta por cento por que, professor? Porque, ainda, o torcedor consegue entrar com a sua camisa oficial, consegue colocar sua faixa. Mas se o senhor pegar – hoje, em Goiânia, não pode torcida organizada. Literalmente. E aquilo. Se a torcida não existe, se ela não pode promover festa na arquibancada... O fim da torcida é o quê? É promover festa na arquibancada. O torcedor comum ou o sócio comum, eu não tenho por que frequentar. Pô. A torcida vem à falência. Ou seja, o promotor de Goiânia, ele se utilizou de um veneno um pouquinho pior, esse ex-promotor e agora deputado estadual Fernando Capez se utilizou aqui, no estado de São Paulo. Então é aquilo, vamos esperar chegar nesse ponto aqui no estado de São Paulo? E aí eu estou mencionando para o senhor: essa instituição, ela não está para discutir questões domésticas, ela não está para discutir vaidade do líder a, vaidade do líder b, ela tem que ter maturidade; e a maturidade está em cima do quê? Defender o direito do torcedor organizado, com bandeiras específicas. E se o senhor me perguntar: “Bandeira específica, Mindu?” – É, bandeiras específicas. Porque é inconcebível, a primeira coisa, o camarada sair do estado de São Paulo, ou sair do estado do Rio de Janeiro, ou sair de Minas Gerais, ou sair de Goiânia, do seu estado de origem... aqui em São Paulo, ele está consumindo o Campeonato Brasileiro, o time dele participa dessa competição, aí ele paga trinta ou cinquenta reais no ingresso. Estou falando em tese. Via de regra, é um pouquinho mais. Ele vai para o Rio de Janeiro ou ele vai para o Paraná, é cento e vinte, é cento e quarenta. Ou ele vai para o Rio de Janeiro, ele paga oitenta, e o torcedor do Rio de Janeiro apresenta nota fiscal, paga cinco reais. Pô. Mas espera aí... Eu parto do pressuposto que você está consumindo, infelizmente – tenho que chamar...eu não encontro outro adjetivo – mas, infelizmente, você está consumindo um produto – chamado Campeonato Brasileiro, representado pelo time da sua paixão, que você ama. Por que raios que você tem

que pagar um preço diferenciado, dentro do mesmo processo que o seu time participa? Não vejo lógica. Então, uma das bandeiras é que as torcidas deveriam o quê? Começar a defender: é ingresso valor único, nos campeonatos nacionais e campeonatos estaduais. Não há meio termo. Ou seja, tirar autonomia dos clubes da cobrança de valor desse ingresso. Quem organiza não é a instituição chamada CBF? Não é ela a responsável? É ela que tem que bancar isso. Os clubes ter total autonomia? Os clubes têm que ter total autonomia em cima das suas dívidas. Tem que ter responsabilidade fiscal para os clubes. Que não têm. Aliás, está tramitando lá no Congresso nacional, estão discutindo etc. etc.. Então, professor, isso seria uma das bandeiras. A segunda bandeira seria o quê? Instituir, de uma forma totalmente única, a entrada de instrumentos, bandeiras e apetrechos para promover festa nas arquibancadas.

[FIM DO ARQUIVO I]

José Florenzano – A gente gostaria de ouvi-lo agora a respeito da relação da Gaviões com a direção do Corinthians, o poder, especificamente, a mobilização contra o Alberto Dualib e todo o episódio que envolveu a saída dele do Corinthians.

Alex Gomes – Veja. Acho que esse momento aí foi um reencontro dos Gaviões com os Gaviões da Fiel, porque passou a ser discutido, novamente, a razão da nossa existência, ou seja: o Corinthians. Todos os aspectos que ocorria internamente no clube. Você tinha um presidente que estava há um bom tempo no poder, você tinha uma administração obscura, você tinha indícios de desvio de recursos do clube, ou seja, e a torcida, ela tomou partido, ela se organizou e foi para dentro cobrar satisfações em relação ao que estava sendo dito pela grande imprensa e pelos associados que frequentavam aquele clube. E foi crucial a participação dos Gaviões para que o poder público pudesse apurar com mais ênfase todas as denúncias que estavam sendo apregoadas naquele momento. E eu acho o seguinte... Acho não, tenho a certeza, esse é o papel dos Gaviões, e espero que seja o papel de qualquer torcida organizada, fiscalizar com veemência os seus clubes. Mas quando a gente fala fiscalizar e participar é fiscalizar e participar com a paixão, com amor mas, acima de tudo, com coerência. Não basta só bater bumbo noventa minutos na arquibancada ou bater bumbo na frente do clube etc. etc.. Não, não basta só isso. Basta participar, também, ativamente da vida do clube. Isso serve não só para a juventude, mas serve também para o líder dos Gaviões, que tem um pouco mais de experiência e a vida um pouco mais resolvida, vamos se dizer assim, de estar mais presente no clube. Eu costumo dizer o seguinte. Não há pecado nenhum em um líder de torcida pensar, um dia, em ser presidente de uma torcida. Não é pecado nenhum o líder da Gaviões da Fiel pensar em ser presidente da Gaviões da Fiel, ou um líder da Gaviões da Fiel pensar em ser diretor do Corinthians ou um futuro candidato a presidente do Corinthians. Muito pelo contrário. Muitos líderes da fundação da nossa entidade participaram da administração do clube, muitos líderes foram convidados até mesmo a ser vice-presidente ou diretor de futebol do Corinthians. Ou seja, a entidade, a instituição, ela foi fundada para um fim. O fim é fiscalizar o clube. E quem fiscaliza não fiscaliza de fora, fiscaliza de dentro. De fora, quem fiscaliza, é uma empresa de auditoria, que você contrata, o camarada vai lá e... Não. Se esse é o fim dos Gaviões da Fiel, o objetivo ou um dos objetivos dos Gaviões da Fiel, membros dessa entidade têm que participar, têm o dever de participar ativamente da vida do clube. O maior erro de um líder de torcida e o maior erro de um líder dos Gaviões da Fiel é se basear pelo que a grande mídia apregoa, se basear pelo

que esse jornalista, ou esse tipo de jornalismo sensacionalista, que tem que vender, o cara tem que vender notícia etc., expõe. Não. Ele tem que estar lá presente. Se ele não puder estar presente, focalizar ou localizar o líder que está presente dentro do clube, se consultar com esse líder, perguntar, conversar com esse líder. E às vezes, o líder, ele está mais dentro do clube, numa certa fase da vida, do que dentro do próprio Gaviões da Fiel. E isso não quer dizer que ele está virando as costas para os Gaviões da Fiel, para a instituição. Eu estou falando isso porque eu estou vivendo isso, nesse momento. Eu estou, hoje, muito mais dentro do clube do que dentro dos Gaviões da Fiel. Isso não quer dizer que eu estou dando as costas para minha entidade. Muito pelo contrário. Eu tenho um número um na minha vida, que é o Corinthians, acima de tudo, o Corinthians. Eu estou pelo Corinthians. A segunda questão na minha vida é os Gaviões da Fiel. Os Gaviões só existe por conta do Corinthians. Ou seja, o número dois só existe por conta do número um. E ponto. Agora teve um momento na minha vida que eu dei uma atenção cem por cento para os Gaviões da Fiel. E se um dia os Gaviões da Fiel precisar novamente dessa atenção cem por cento, *legal*, me avisem, me chamem, estou aí, estou posto para isso. Mas hoje, eu entendo que setenta, oitenta por cento da minha pessoa tem que estar voltada para o Corinthians. E eu tenho me preparado para isso. E se preparar é se dispor para tal; e se preparar, não é só do ponto de vista da cobrança, é se preparar do ponto de vista também de, num futuro muito próximo, você seja gestor daquilo. Se não do clube, mas pelo menos de um departamento. O líder de torcida tem que pensar isso. O novo líder, o líder desse século, o século XXI etc., tem que pensar justamente no quê? Em direcionar a sua torcida cada vez mais para dentro do clube. A Mancha tem que fazer isso, a Torcida Independente tem que fazer isso, a Torcida Jovem tem que fazer isso; e os Gaviões, mais ainda, os Gaviões tem que ser vanguardista dessas atitudes. Por quê? Muitos dos aspectos que está ocorrendo, nos dias de hoje, com o futebol vai muito do afastamento do apaixonado pelo futebol dessa instituição. E, quando você se afasta, outros elementos se achegam. E às vezes, ou por muitas das vezes, esses elementos, eles não têm nada a ver com a questão da paixão futebolística. Ou seja, voltando naquela pequena fala que eu mencionei: o camarada é economista, só que ele analisa só os números; ou o camarada é médico, ele analisa a questão da doença, mas não o aspecto da doença no organismo do indivíduo. Então a torcida, hoje, do século XXI e o líder do século XXI, ele tem que se preocupar com isso. O líder da década de 80, de 90, ele se preocupava com a torcida, claro, tem que continuar a se preocupar, mas se preocupava também com a questão do quê? – da torcida ser boa na porrada, ter um enfrentamento *legal*, se for o caso, com a polícia, se a polícia bater de frente etc. etc.. E chegar e falar para o associado: “Olha *meu*, aqui, é o seguinte: é hoje, e não é, tem que cobrar o clube, tem que ocupar ou invadir lá o vestiário, querer ali, de certa forma, tomar satisfações com o jogador...”. *Legal*. Esse momento passou. O momento hoje é de muito diálogo e diálogo com firmeza e diálogo sabendo o que está reivindicando. Porque senão você vive uma alienação tola, em que o clube vai... ou, perde um jogo, você, automaticamente, vai para a frente do clube bater bumbo, e os caras, dentro de um outro aspecto, de repente até dá uma satisfação, por respeito, mas não...

[FIM DO ARQUIVO II]

José Florenzano – A gente gostaria, então, de ouvi-lo a respeito dessa reivindicação dos Gaviões da eleição direta para o presidente do Corinthians.

Alex Gomes – Então. Houve isso no processo “fora Dualib”. Agora, fora essa reivindicação da participação do associado, de eleição direta dentro do clube, teve também uma segunda bandeira, que foi contra o fim do processo de reeleição. Eu, particularmente, também sou contra

o processo de reeleição em qualquer instituição, qualquer uma; inclusive no que diz respeito a um camarada sair candidato a deputado estadual, deputado federal, prefeito, governador e presidente da República. Nesses casos, eu estenderia para seis anos. E, no caso dos clubes, eu estenderia para três anos. Os Gaviões teve esse papel crucial, porque hoje faz-se valer o que a gente reivindicou lá atrás. E aí volta, justamente, no que eu mencionei para você. A importância de a torcida organizada conviver internamente ao clube, não viver alheio ao clube. E aí é função, também, dos Gaviões. Não é só estar na arquibancada, tocando bumbo, apoiando, noventa minutos. Quem menciona isso não sabe ou não ouviu nossos fundadores. Nós temos que estar dentro das arquibancadas sim, apoiando, noventa minutos, temos que incentivar a juventude, cada vez mais, a ser mais apaixonada pelo Corinthians, a gostar da nossa instituição; mas temos, acima de tudo, que estar também com a nossa vida – e quando falo nossa vida é o seguinte: a vida política da instituição – dentro do Esporte Clube Corinthians. Se a gente apregoa para todos os lados: nós somos o órgão fiscalizador, por isso que estamos aqui... Não. De fato, é. Mas quem fiscaliza fiscaliza de dentro, e não de fora, participa ativamente, não se baseia pelo que os jornalistas sensacionalistas, que têm que vender notícia, apregoam aí, através de jornais, através desses telejornais esportivos etc. etc.. Não. Tem que estar lá. Se não tem essa possibilidade de estar lá, procura saber qual dos líderes que está frequentando ou que participa, talvez, ali do clube. Procura ter ali, trocar uma ideia, conversar, dialogar etc. etc.. “E aí, o que é que está acontecendo nessas eleições?”. E isso também não quer dizer, o líder que se afasta um pouco da vida política da torcida e passa a participar um pouco mais da vida política do clube, não quer dizer que ele está virando as costas para a torcida. Muito pelo contrário. Ele está dando uma mensagem: “olha, eu dei meus cem por cento aqui, nesse momento, porque era necessário. Se precisar dar novamente, estou posto para isso. E agora estou dando meus setenta por cento dentro do clube”. E dar setenta por cento é se preparar para tal, não é estar lá simplesmente por estar. Porque estar por estar, desse líder você tem que desconfiar também. Não. Tem que estar lá preparado. O cara tem que estar buscando algo ali, e acima de tudo, contribuir com a instituição. Contribuiu com a torcida? Vai contribuir com o seu clube do coração também.

J.F. – Esse mecanismo interno dos Gaviões de eleger o presidente da torcida, de abrir uma discussão na quadra, você acha que isso caracteriza uma vida democrática dentro dos Gaviões?
A.G. – Eu... Como eu havia falado em outras oportunidades, eu sou um defensor assíduo da participação do associado na vida política da entidade. Eu penso que o associado tem escolher, sim, o seu presidente. Sempre defendi isso aí. Havia tempos, nos Gaviões, que o presidente era escolhido pelo conselho, pelo voto indireto. Eu penso totalmente ao contrário a isso. Eu imagino que esse conselheiro, ele tem que ter uma temporalidade na torcida, uma temporalidade mínima na torcida. Essa temporalidade mínima que eu falo é, no mínimo, dez anos de dedicação aos Gaviões da Fiel, de dedicação ao Esporte Clube Corinthians, dedicação ao dia a dia da instituição. Ou seja, esse camarada, ele tem que ser conhecido e reconhecido pela torcida, tem que fazer valer a indicação dele para o conselho. Estando no conselho, esse camarada, ele pode, na verdade, reivindicar o espaço para estar saindo candidato a presidente da instituição. Eu vou um pouco mais além. O estatuto, hoje, dos Gaviões está se vigorando em cima desses moldes que eu estou mencionando. Só que eu, particularmente, eu defendo mais um adendo: eu estenderia por dois mandatos de conselho o camarada que poderia se sobressair candidato a presidente dos Gaviões. Ou seja, eu estou falando de, no mínimo, de um indivíduo que tem quatorze anos de convivência dentro da instituição, para ter o direito de sair candidato à presidência dos Gaviões da Fiel. Ou seja, quatorze anos eu acho que é um tempo razoável para o camarada demonstrar, expor a que veio; o que é que ele contribuiu, o que é que

ele fez pelos Gaviões da Fiel, quais foram as atitudes desse líder nos momentos piores que essa torcida passou. Isso eu estou te falando não só do ponto de vista da arquibancada, no ponto de vista em relação às reivindicações para dentro do clube, mas também no ponto de vista de defender a sua torcida, de defender, em vários aspectos: defender nas caravanas, defender no dia a dia, no dia de clássico etc.. Quais foram as atitudes desse líder. Mas não é nesses moldes. Nos moldes atuais, esse camarada é eleito conselheiro e, logo depois da primeira gestão como conselheiro, ele tem esse direito de sair candidato a presidente dos Gaviões. Mas eu defendo que o voto seja direto, escolha do associado.

J.F. – Mas então, desde que você entrou na torcida, a escolha do presidente tem sido sempre feita pelos conselheiros. Como era no clube: os conselheiros elegiam o presidente do Corinthians.

A.G. – Não, não. Quando eu entrei na torcida, os presidentes eram escolhidos... aliás, o presidente era escolhido pelo conselho. O grupo, a minha pessoa, a nossa geração começou a ter um pouco mais de inserção dentro da instituição, a gente começou a abrir mais isso e colocou esse poder na mão do associado, tendo como parâmetro o quê? Esse camarada ter no mínimo os dez anos de torcida, de convivência na torcida, para sair candidato a conselheiro e, posterior a isso, ele ter o direito de sair candidato a presidente. Eu acho, na minha opinião, muito mais democrático a participação do associado no processo.

R.P. – Minduim, você falou um pouco dessa experiência de 2007, o “fora Dualib” e tudo. Quando o Dualib sai, assumiu um presidente interino, e, pouco depois, o Andrés Sanchez é eleito. Eu queria perguntar o que significa para vocês ter um presidente eleito que saiu justamente de uma torcida organizada. Ele tinha um passado de torcida organizada. E algumas pessoas em volta dele também, na direção, também foram parte de torcida organizada. Qual foi o significado disso e, nesse momento, a relação entre a diretoria do clube e as torcidas?

A.G. – Particularmente, eu vejo que o caminho dos futuros presidentes do Corinthians vai ser se não similar, mas muito parecido com o caminho que o Andrés traçou: o camarada sair de torcida organizada e passar a, de certa forma, ter uma atitude gestora para dentro do clube. O Andrés foi isso. Ele foi um dos fundadores ou participou durante um tempo – não sei se muito tempo – da torcida Pavilhão Nove e passou a ter uma vida mais assídua para dentro do clube. E aí [pôde] conhecer os meandros do clube, tendo ali, na verdade, mais informações de como discutir, defender e participar da política do clube. E é isso que eu tenho falado para todos os líderes de torcida. Tem que ser feito o mesmo caminho. As ações e as atitudes, quando o camarada está à frente de uma diretoria ou de uma presidência como a do Corinthians, é que vai mostrar se a temporalidade dele dentro da torcida foi benéfica ou não. Cada um responde pelos seus atos, pelas suas atitudes, pelas suas ações. Mas o caminho, para todo líder de bom-senso, é esse. Tem que participar da vida política do clube, sim. O Andrés foi um divisor de águas. Até então não se tinha, dentro do clube, ainda mais dentro do Corinthians, um dirigente oriundo de torcida organizada, um dirigente que de certa forma não tinha posses como Dualib, como Wadih Helu e outros dirigentes que nem convém mencionar. Mas eram pessoas que vinham de uma classe totalmente privilegiada da nossa sociedade. O próprio Vicente Matheus. A torcida do Corinthians adora o Vicente Matheus. Mas a gente não tem como não dizer que ele vinha de uma classe totalmente privilegiada. Ou seja, ter um dirigente oriundo de uma torcida organizada é totalmente saudável para o clube e é saudável também para o torcedor organizado e não organizado, porque vive a realidade, vive uma necessidade real, do que esse camarada passou ou está passando para acompanhar seu clube, uma caravana, num jogo, na arquibancada. O cara já passou por alguns momentos totalmente obscuros na arquibancada e fora da arquibancada. Ele tem maior... vamos se dizer assim, não é argumentos, mas

ferramentas, pelo menos, para discutir com base o que é, o que passa dentro de uma torcida organizada. Por exemplo, o Andrés é um camarada que é totalmente defensor da torcida organizada. Talvez pelo fato dele ter passado um tempo dentro do Pavilhão Nove. Talvez, ele poderia ter uma outra visão se ele não participasse ou se não tivesse tido uma participação dentro de uma torcida organizada. Então eu vejo com bons olhos. Mas volto a mencionar novamente: o líder tem que se preparar. Essa liderança tem que se preparar, ele tem que entender os meandros de negociação dentro do futebol. Como funciona o departamento de marketing, como funciona a transação do jogador, a contratação do técnico. Quando a torcida de certa forma contribui, e o clube se mantém, e quando ela não contribui, como lidar com isso. E é aquilo, uma vez, eu conversei com um grande amigo meu da Camisa Doze, eu falei para ele o seguinte: “Ser dirigente muitas das vezes é colocar a paixão de lado e agir com a razão”. E é difícil para um torcedor. Eu diria que se um dia eu tiver uma oportunidade como essa, será muito difícil, porque eu sou um camarada extremamente apaixonado pelo clube, pelo Corinthians; e, às vezes, você pode tomar uma decisão que não agrada o coletivo, a geral etc.. Mas... Ou seja, às vezes, essa decisão é para ganhar lá na frente. Eu fico imaginando o seguinte: o Corinthians, ele correu muito atrás da Libertadores. E parecia que a Libertadores era um objetivo único para o Esporte Clube Corinthians. Quem criou isso? Foi o Corinthians? Quem criou isso para a torcida do Corinthians? Foi a diretoria do Corinthians? Não foi. Foi a grande imprensa, que precisava de certa forma vender essa necessidade para o torcedor corinthiano, de que nós tínhamos que ter esse título na Libertadores etc.. Nós tínhamos que ter o título mundial, mas não aqui, mas no Japão etc. etc.. O clube, do ponto de vista de gestão de negócio, é extremamente saudável. Porque você conseguiu arregimentar uma massa de apaixonados, assim absurda... Falam em 33 milhões. Eu acho que é muito mais, sinceramente. Não é por que eu sou corinthiano. Mas... Haja vista o que ocorreu em 2000, haja vista o que ocorreu nessa diáspora corinthiana que foi lá para o Japão, gente. Foi uma coisa absurda. É algo que dá material para filmagem, para documentário, para cinco, seis, dez anos. E não cansa de se ver. Porque nunca uma torcida fez uma... vamos se dizer assim, uma transposição tão maciça como foi feita na disputa desse mundial. E aí que eu estou te falando, é a hora do camarada se colocar enquanto gestor e enquanto torcedor. Ele tem que saber separar. Porque ele sabe que está respondendo a duas coisas ali, a dois aspectos. Ou seja, futebol é paixão, paixão, é amor, vai continuar sendo; mas, por trás do futebol, você tem que fazer as negociações, para que seu clube se mantenha sempre num patamar totalmente positivo.

Bruna Gottardo – Minduim, você falou do Andrés. Em que mudou a relação com a torcida organizada? Tinha algum tipo de benefício, algum tipo de diálogo maior? O que você acha?

A.G. – Bom. Os Gaviões nunca aceitou benefício para dentro do Corinthians. Aliás, foi uma das coisas que fizeram com que os Gaviões tivessem – ou têm, na verdade, - na sua bandeira, Força Independente. Ou seja, a gente se manter sem auxílio do clube. É um dos aspectos, que continua até os dias de hoje. Então o dirigente, quando ele vai dialogar com a instituição Gaviões da Fiel, ele sabe mais do que nunca que a instituição não está ali para pedir, ela não está ali para solicitar e não está ali para alguma facilitação. Muito pelo contrário. Ela está ali para defender o direito do torcedor corinthiano, independente dele participar de torcida organizada dos Gaviões ou não. Ou seja, esse tratamento diferenciado é uma das coisas que a instituição, ela, simplesmente, não aceita; ela não vai querer, não pode querer. Se as futuras gerações passarem a agir dessa forma, do ponto de vista de querer se beneficiar ou trazer benefício para a torcida dos Gaviões da Fiel em detrimento do torcedor comum, estará totalmente equivocada com os fins com que os Gaviões foi, na verdade, fundado, o objetivo

dos Gaviões. Ou seja, reivindicar, reivindicar, reivindicar, participar, participar, participar, sem nada receber.

J.F – Já que você falou dessa defesa do direito do torcedor, como você vê hoje o que se considera um processo de elitização das arquibancadas? E isso se reflete ou não na arena Corinthians?

A.G. – É como eu te falei. Esse processo de elitização, ele não iniciou agora, vem desde a metade da década de 90, por conta do que eu – pelo menos na minha visão – te mencionei: as torcidas estavam *muito* poderosas, com muita força, muita gente participando. A Gaviões tinha acabado de eleger uma autoridade parlamentar. Posteriormente a Mancha estava preparando um próximo candidato, que se eu não me engano, na época, era um indivíduo chamado Moacir. A Torcida Independente, idem. Ou seja, tinha que ter algo para frear a força dessa galera que estava vindo e se atrelando a alguns movimentos sociais que um setor da nossa sociedade não compactua. Quando você vê uma torcida organizada, ou um grupo de torcidas organizadas se atrelando a MST, se atrelando ao movimento estudantil, se atrelando a partido político de centro-esquerda, ou de extrema-esquerda, porra, alguma coisa a gente precisa fazer aí para dar uma freada no movimento dessa galera. Por isso que eu falo. As torcidas, elas vêm vivendo um processo [de] conspiração orquestrado, tendo iniciado em 1994 e deflagrado em 1995, com essa batalha que houve, no Pacaembu, entre as torcidas do São Paulo e as torcidas do Palmeiras. E, se não fossem essas duas batalhas, ocorreria com a torcida do Corinthians, que estava a caminho. Ou seja, totalmente orquestrado o processo de minar, de fato, a força das torcidas organizadas. E isso vem vindo com... com instrumento do próprio Estado. Aí vem a diminuição da arquibancada para vinte por cento. Por que se diminui a arquibancada, vinte por cento, para as torcidas organizadas? Paga-se o mesmo valor de ingresso, o torcedor é o mesmo, por que você separar o torcedor comum do torcedor organizado? Porque, quando você separa, automaticamente, você passa a ver o diferente, e aí você começa a dialogar, também, de uma forma diferente para uma mesma classe: “Olha, aquele camarada de torcida organizada, o cara não presta, o cara é bandido, o cara é isso, o cara fuma, o cara cheira, o cara não sei o quê. Vai levar o seu filho para o mau caminho”. Você começa a criar uma outra classe dentro da própria torcida. E aí, hoje, o que é que a gente vê? A gente vê, o torcedor são-paulino gosta, via de regra, da Torcida Organizada Independente ou da Dragões da Real, não gosta da torcida organizada do São Paulo. A torcida do Palmeiras não gosta da torcida organizada do Palmeiras. E, hoje, o torcedor do Corinthians também não gosta mais tanto como gostava da torcida organizada do Corinthians. E quem vem trabalhando para que isso aconteça? A troco do quê? Aí você tem um deputado estadual, virou deputado estadual em cima de que bandeira? Mas em cima de qual proposta? Ah. O fim das torcidas organizadas. O fim de uma instituição? Gente, está lá, está na Constituição, você tem o direito de se organizar enquanto grupo etc.. Está lá garantido. Aí o cara não oferece uma outra contrapartida. Tudo bem, é o fim da torcida organizada mas... o quê? Não. Torcida única. Como? É futebol que a gente está discutindo, é futebol que a gente está visualizando, é futebol que a gente *curte* , que a gente se apaixona, que a gente gosta, a gente aprendeu a gostar. E aí tem uma diferença, assim absurda, do espectador do torcedor. Você não está lá para... Não. Você está lá para extravasar mesmo. Futebol é isso, gente. É o camarada que muitas das vezes, na semana, era advogado, é um promotor –, mas um promotor que pensa, que... que está num outro mundo, porque esse aí não está nesse mundo, sinceramente –, mas... é o professor, é o pedreiro, é o cozinheiro, é a cozinheira, que vê ali, no espaço da arquibancada, o momento dele extravasar, de colocar para fora o estresse que ele passou na semana, o nervoso que passou na semana, a tristeza que ele passou na semana. Futebol é para isso. É trabalhar a emoção do ser humano. E não tem – desculpa lhe dizer, vocês

podem ser até apaixonados por outro esporte, por outra atividade esportiva etc. – mas não em algo que mexa com o ser humano, seja ele gostando de um time de futebol ou não, do que o futebol. O camarada não gosta do Corinthians, do Palmeiras, do São Paulo ou do Santos, ele só gosta da Copa do Mundo. Mas esse camarada vai, ele chora, ele falta no trabalho, ele acompanha, ele dá um jeitinho de assistir etc. etc.. Ou seja, mexe com a sociedade. E eu volto a falar novamente: o que está se fazendo no futebol brasileiro, ou com o futebol brasileiro é um assassinato; é a morte prematura de algo que fez ou que tornou o nosso país grande e conhecido pelo mundo. A começar pelas torcidas organizadas. As torcidas não são o problema. As torcidas têm que ser parte da solução. Além de ser parte da solução, as torcidas, elas têm que fazer parte do espetáculo. Não precisa ir longe. Precisou uma outra sociedade vir ao nosso país, mandar sociólogos, mandar psicólogos, mandar pedagogos para falar: poxa, dá para a gente implementar isso aí lá. Porque não tem. Acho que elas começaram a fazer esse tipo de trabalho entre 95, 98, 2000, pensaram a Associação Nacional, 2003 – 2005, eles passaram, de fato, fazer valer as leis para o mau torcedor, e não para a instituição, e começaram a chamar os líderes, para provocar e promover a disputa sadia nas arquibancadas. E aí eu estou falando da Alemanha. E hoje, a gente vê um clássico Borussia e o Bayern de Munique, o jogo é marcado para as quatro da tarde, os portões se abrem às quatorze, e as torcidas organizadas estão dentro do estádio às treze. Por que às treze? Porque os caras, junto com a chamada juventude, a molecada, vai preparar a arquibancada para o torcedor comum, para o torcedor organizado etc.. E o clube dá o livre arbítrio para o torcedor: você quer pular, você quer extravasar, você quer tomar sua cerveja, tal, e curtir, e apoiar o clube noventa minutos, então tem um espaço específico para você ali. Não. Você quer ser espectador do jogo. *Legal*. Você quer seu banco, seu espaço etc., tomar sua cerveja e analisar o sistema tático que está posto ali; então, seu espaço é outro. “Ah. Mas paralelo a isso, eu quero admirar a festa lá dos caras lá também”. Beleza. Você vai ter esse momento. Só que você chegue um pouquinho antes, porque esses caras vão começar... o jogo é às quatro, vai dar as três e trinta, começa a festa dos caras. Aí começam os fogos, começam as bandeiras, papel picado, formação do mosaico. Pô. O cara é espectador mas ele está vendo uma torcida organizada fazendo uma puta festa. Puta. Agora vai começar do outro lado. Porra! Caramba! Agora foi o mosaico do desenho do fulano, foi o mosaico do desenho do sicrano. Caramba! Como é que os caras conseguiram fazer uma bomba sair de um lado e estourar do outro através de bandeiras, faixas etc. etc., e até com efeito sonoro? Porra! O próximo jogo, você acha que esse camarada vai faltar? Ele vai vir, vai trazer o filho, vai trazer o genro, vai trazer a sogra etc.. E o camarada que foi promover a festa lá, no caso, ele vai falar assim: “Caramba, velho, faltou isso na nossa festa. Na próxima, a gente tem que preparar melhor essa molecada aqui, para ter um aspecto totalmente diferente, para a gente ganhar dos caras, porque o mosaico dos caras quebrou o nosso”. Aí você tem uma imprensa que – o seguinte: promove o jogo, promove a festa na arquibancada... “Tem algum fato isolado, fora?” Porque acontece a briga ainda. Acontece a briga ali. Tal, tal... O cara está indo para o clube e tal, a porrada come ainda. Só que a imprensa não dá ênfase. Se dá ênfase é para investigar aquele camarada que agrediu o outro. Aí eles vão lá, prende, e faz valer o rigor da lei. Ou seja, com isso você vai, de fato, diminuindo cada vez mais, dentro dos estádios, o mau torcedor e trazendo quem quer curtir, quem quer promover, e mudando completamente o conceito de torcida para as próximas gerações. Hoje, o que está acontecendo em nosso país é justamente ao contrário. O Estado, na verdade, e em conluio com os clubes, está formando cada vez mais gerações para o confronto, e não para entendimento do que é esse espetáculo que é o futebol. Porque quando você afasta a festa, quando você afasta a bandeira, quando você afasta o papel picado, quando você afasta o mosaico, o que é que vai ter para esse jovem fazer na

arquibancada? Absolutamente nada. E para fora da arquibancada? O que resta é o conflito. O que resta é o conflito. Se não é com o policial, é com o torcedor adversário. Isso é muito claro. Tem que ser muito claro para a gente isso aí. Agora não, quando você joga a responsabilidade para a torcida e faz com que ela seja parte do espetáculo, você pode ter a plena certeza, você vai ter o jogador incentivado para tal, porque ele vai querer virar líder daquela torcida; ele vai querer, ele vai querer que aquela torcida ali faça bandeira com o rosto dele, com o busto dele, ali na arquibancada, subir na arquibancada. Qual jogador que não tem essa vaidade, gente? Qualquer um jogador, qualquer um esportista tem essa vaidade.

J.F. – Para aproveitar esse gancho, eu queria lhe perguntar da relação da Gaviões com o jogador do Corinthians. Como se dá a cobrança? A insatisfação, às vezes, leva a um diálogo, a uma crítica, que em alguns momentos pode partir para coerção? Como é a relação da Gaviões com os jogadores?

A.G. – Veja bem. O camarada se propôs a ser o profissional do futebol. Ele se propôs. Não pegaram ele e falaram...Pau. Se ele se propôs ser profissional do futebol, ele tem que viver como tal; então, ele tem que ter horário para entrar, tem que ter horário para treinar, tem que ter horário para concentração; ele tem que ter a particularidade dele, mas a particularidade dele... tem que ser dentro da particularidade dele, e não exposto para fora. Ou seja, ele tem que exercer o que lhe cabe, para que ele possa render no dia D, no dia do jogo, ali, ele dar o cem por cento. Agora se esse camarada, ele joga bola, tem fama, a grana, a questão da mulherada que se achega porque o cara é famoso etc. etc., ele esquece do clube, ele vai sofrer as sanções que estão postas. O torcedor é paixão, o torcedor é amor; e ele visualiza no jogador a possibilidade real daquele camarada resolver um problema da instituição dele. Muitas das vezes o jogador, ele não entende isso, ele não entende que ele é um instrumento da torcida, ele é o herói da torcida, é o cara que tem a possibilidade real, dentro do imaginário do torcedor, de mudar uma realidade. Você fala: “Pô. Mas qual realidade, cara? Terminou o jogo, o cara vai embora”. Não é. Para quem vive o futebol não é, você pode ter a plena certeza. Eu, particularmente, se o Coringão *me* ganha no final de semana, um domingo, a minha segunda-feira, para atender os meus clientes, vai ser de uma alegria fantástica, e as coisas fluem e acontecem. Se o Coringão *me* perde, eu torço para não ter cliente para atender, porque eu vou num mau-humor absurdo, as minhas piadas serão sem graça, parece que eu não estou ali. Eu sinto. Então é aquilo, o cara tem que compreender o seguinte: ele se propôs a ser um profissional do esporte, então se comporta como tal. Eu me propus a ser um profissional na área de comunicação, então eu tenho, por obrigação, de sanar o teu problema. Você me procurou, então, num dado momento ali que você me procurou, talvez eu não tenha as tecnologias necessárias para atender a sua demanda, mas eu vou buscar. Aí eu falo para você: “Me dá 48 horas”. Eu me mato de informação. Mas quando eu for apresentar ou reapresentar novamente para você, você vai sair dali [], falar: “Poxa vida. Eu vou pensar em fechar com a agência desse camarada aí”. Por quê? Você deu a solução. Agora quando você tem... Eu vou pegar um caso desse babaca chamado... eu falo babaca – chamado Fred, Fred, que foi lá para a Copa do Mundo. Olha só que descalabro. Quando esse camarada chegou no Fluminense... Aí são coisas que muitas das vezes a massa não sabe, que não chega para a massa. Qual foi a primeira coisa que esse camarada fez? Foi buscar apoio nas torcidas organizadas. Levou lá a filhinha dele, como [se] a filhinha fosse o abre-alas, “pô, estou chegando com a minha filha, não vai fazer nada” – duas vezes babaca. Trataram bem a filha dele, brincaram no restaurante etc., chegaram a falar: “Olha, Fred. Você está se achegando agora, o Rio de Janeiro é uma cidade do caralho, toma cuidado. Você não é o Romário, velho. Então é o seguinte, se achegue dentro da doutrina do clube, que a gente vai estar ali para te apoiar”. Aí o camarada foi apoiado

pela torcida organizada, gritaram o nome na arquibancada, bandeira, faixa, o caramba, festa, chamaram o cara, a imprensa etc. etc.. O cara ganhou nome, fez alguns gols, foi para a seleção brasileira. Bastou o camarada não ter sucesso na seleção – e não ter sucesso, para jogadores, vocês sabem muito bem o que é que ocorre: o contrato já não é renovado no mesmo patamar; então, se o cara é de um milhão, já não é mais um milhão, é quinhentos mil, e se não é quinhentos mil é trezentos mil, se não é trezentos mil é cem ou duzentos mil, e o camarada começa a contar a vida de frente para trás. Ou de trás para frente? Não, é de frente para trás, ou seja, começa a encurtar: me restam cinco anos, me restam três, me restam dois. E aonde que ele focalizou a oportunidade dele de voltar aos holofotes? “Olha, todo torcedor organizado é vagabundo”. O camarada que está aqui no aeroporto reivindicando etc., nesse horário, é vagabundo, é ladrão; esses caras não têm o que fazer. Quando ali no meio tinha advogado, profissional liberal, empresário, estudante, professor... Enfim. Só que o cara classificou todo mundo. Todo torcedor organizado é um vagabundo, bandido, esses caras têm que ser presos etc. etc.. Quando a torcida organizada é *legal*? Quando a torcida apoia, quando levanta a bandeira etc. etc.. Quando ela não é *legal*? Quando ela vai cobrar o camarada – que está num prostíbulo, está traindo a esposa – e não sou moralista, não, mas estou falando – está traindo a esposa, está num prostíbulo, e aí a torcida chega: “E aí *meu*? Essa não é a hora de você estar descansando lá?” Está bêbado no trânsito. O cara passa no farol. Quer dizer... “Porra *meu*. O Fred está muito louco de algumas coisas aí, assim, assim, assado”. Está bêbado num bar. O torcedor é paixão, ele tem direito, sim. Ele não tem direito de agredir. Isso, ele não tem. Aliás, isso, ninguém tem o direito de agredir seu ninguém. Mas de cobrar, sim. Qual é o ofício do cara? O cara é ídolo. Se não é ídolo, é jogador de um clube que representa milhões de pessoas, gente. Tem que ter essa responsabilidade. E muitas das vezes o clube também não passa responsabilidade para o jogador. É a mesma coisa: o camarada que jogar no Corinthians, ele tem que saber o que é que é jogar no Corinthians. Então aquilo, meu amigo, tem que dar carrinho, tem que dar cotovelada, tem que dar joelhada, tem que dar não sei o quê, tem que dar cabeçada no chão. Isso é Corinthians. Não tem meio termo. Não precisa ser bom de bolo, ser craque, mas tem que dar raça no negócio. Torcida é isso, a torcida gosta disso. Mas o cara chegar, tal... Não vai ficar, não vai permanecer.

R.P. – Minduim, voltando um pouco ao episódio de 95. Você falou que foi um episódio marcante na história das torcidas. Eu queria saber como foi o seu cotidiano nessa época. Pelo que você contou, você se envolve no começo da década de 90, entra no Departamento de Bandeiras dos Gaviões –, é um momento de muito crescimento das torcidas e, como você diz, de aproximação com os movimentos –, e estoura essa briga, que tem um alcance gigante na opinião pública. Como foi isso no seu cotidiano, no seu trabalho na época, com a sua família,? Você se lembra desse dia? Por exemplo, você falou que ia ter um jogo do Corinthians que seria depois desse jogo entre Palmeiras e São Paulo, que você está indo para o jogo. Como vocês receberam isso?

A.G. – Eu me recordo muito bem, porque eu estava saindo da Zona Leste... saindo não, tinha saído da Zona Leste, junto com meus amigos – e, na época, eu saía com, aproximadamente, uma média de quase quinhentas pessoas, liderando quase quinhentas pessoas -, e a gente veio pelo caminho da avenida Paulista. E aí ocasionou também um conflito, na avenida Paulista, com a torcida do São Paulo etc.. E ali a gente falou: “Porra. Deve ter acontecido alguma coisa lá no Pacaembu”. E veio um policiamento totalmente absurdo mesmo, eu acho que uns três, quatro batalhões ali, no caso, para segurar a massa que estava na Paulista. E a gente começou a ver pelos noticiários que de fato tinha ocorrido esse conflito dentro do Pacaembu. Assim, coisa assim, realmente, assustadora. Particularmente, eu não tinha passado por isso, no Brasil,

de uma forma totalmente tão forte, as imagens tão fortes etc.. Só que ali também, o seguinte, teve-se a necessidade de... Depois desse conflito, passou a primeira semana, a imprensa matando as torcidas organizadas, aparecendo esse promotor, e passou a aparecer a imagem do Fernando Capez, e o Capez, era essa ideia de extinguir as torcidas etc. etc., ele começou a ir para dentro de universidade, começou a aparecer em todos os canais esportivos, começou a virar um nome - entre aspas - pela paz do futebol. E as torcidas, elas foram isoladas. Não buscaram as torcidas para o diálogo, para falar: “olha, aconteceu um problema; só que, para resolver isso, a gente precisa...” Não foi baixado, simplesmente, uma ação de que, o seguinte: olha, está extinto, vocês não podem mais entrar nos estádios sem as camisetas etc. e as bandeiras. E ponto. Agora como você fecha uma instituição que, à época, já tinha vinte e dois anos, vinte e três anos, ou quase vinte e cinco anos, uma outra instituição que tinha sete, doze, quatorze anos? E aonde você vai colocar essa massa de homens que aprendeu a gostar da sua torcida? Ele ama o clube; mas aprendeu a gostar também da sua torcida. É aquilo. Teve-se um movimento, da minha parte e de outros líderes, de buscar o diálogo, falar: “Olha, precisa se organizar, porque de fato, o seguinte, os caras vão fazer uma manobra totalmente organizada para que as torcidas venham a cair cada vez mais em descrédito”. E aí eu confesso para você o seguinte: só não teve sucesso essa organização dessas instituições por conta da formação, mesmo, da galera que participava nas torcidas. Então... Tipo... Não tinha muitas pessoas que têm essa experiência de levar o bloco de uma forma totalmente equilibrada, pensada, politizada, e entender, também, que a gente tinha um inimigo explícito. Então os caras não tinham essa percepção. Uma parte não tinha essa percepção. E quem tinha, muitas das vezes, também, era colocado como – pô, o cara está querendo ter uma oportunidade, por conta disso, por conta daquilo e tal. Enfim. E a gente acabou sendo conduzido mesmo, pelo que os caras achavam que deveria decidir pelas torcidas. E aí veio: redução de espaço das torcidas nas arquibancadas; aí veio a questão do aumento dos ingressos; aí veio a tiragem [retirada] das bandeiras... Enfim. Acabaram, literalmente, com as torcidas. O que fez com que as torcidas, de certa forma, permanecessem no cenário? Foi que, no caso dos Gaviões da Fiel, era também uma escola de samba. E não era qualquer escola de samba. Isso que fez com que as torcidas permanecessem no cenário, pelo menos a discussão ali: pô, esses caras existem; não, tem ainda, os caras estão indo no estádio, tal, isso, aquilo. Agora teve um momento das torcidas, simplesmente, quase chegarem - não a zero, mas bem próximo a isso. As lideranças começaram a se dissipar, enfim, e as torcidas começaram a se atrofiar. Os líderes começaram a cuidar das suas vidas etc.. E no nosso caso, a gente teve muita sorte, porque chegou uma galerinha – que foi até a geração do Viola, que pegou para si essa responsabilidade; uma galerinha que saiu lá de Tenente Vasconcelos etc. e Guaianazes e pegou para si essa responsabilidade e abraçou com as dez e seguiu a onda dos Gaviões durante um bom tempo. Agora... Passou. Todo esse processo, de certa forma, serviu e, ao mesmo tempo, não serviu. Serviu para dar poder a quem já tinha, no caso desse promotor: virou deputado estadual, agora, o deputado mais bem votado, provavelmente, saía candidato a governador etc., e dentro dessa linha, defendendo algo que não existe. Porque a violência, ela está na sociedade. Ela não está dentro da torcida em si. Ele se sobressaiu defendendo um aspecto, uma particulazinha que ocorre dentro de um todo. E boa parte da sociedade acabou abraçando. Aí teve uma outra oportunista, que não conseguiu obter êxito, que foi a dra. Margarete, a delegada do Decradi.³ Ela foi para a imprensa: vamos acabar, vamos prender os líderes, vamos isso, vamos aquilo, tal, tal. E eu me lembro que numa ocasião, eu fui chamado na PUC para participar num debate, eu falei: “Por que vocês não chamam também a dra. Margarete? Chama o Capez para participar com a gente aqui da mesa, para os

³ Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância.

caras colocarem os pontos, e a gente colocar os nossos, e aí vocês terem, na verdade, aí o norte. Porque a gente nunca teve essa oportunidade. E dialogar mesmo. Ele colocar o ponto dele dessa questão, do que ele defende: torcida única, e a gente falar não, torcida única não é o caminho, O caminho é fazer valer a lei, o caminho é fazer valer... punir o mau torcedor e punir a torcida organizada se, de fato, a torcida tiver atrelamento a essa ação criminosa. Esse é o caminho. Mas promova e apoia a festa na arquibancada, o entretenimento, o lazer. E trazer a família... Hum... É uma coisa que essa grande imprensa fala, o seguinte: futebol para a família. Mas [de] que família a gente está falando? Que tipo de família? E futebol é para quem? Porque os caras também gostam de classificar. “Não. Futebol tem que ser para o torcedor”. Espera aí. Mas quem é esse torcedor? Qual torcedor que esse camarada está falando? Futebol, não, futebol é entretenimento e entretenimento para a maioria, para o todo. Futebol é universal. É diferente de qualquer outro esporte que... é classista. O tênis. Classista. Ou não é? Você não vai ver um cara do... Você pode ter um cara do Capão Redondo admirador do tênis. Eu sou admirador. Mas jamais eu pagaria quinhentos, seiscentos, setecentos reais ou mil e duzentos reais para assistir uma partida de tênis. Não pagaria. Sou um admirador do basquete. *Legal*. Mas jamais pagaria quarenta e cinco dólares, oitenta dólares para ver Los Angeles Lakers ou qualquer que seja. Não. Mas sou um apaixonado pelo futebol. Por quê? É um aspecto totalmente popular, pega o todo. Pega o todo. Então eu diria para você o seguinte. Tem um caminho para as torcidas. O caminho é ter a ciência que o mundo é outro, as torcidas... Não quer dizer que as torcidas têm que mudar. Não. Tem que mudar no ponto de vista do quê? Das suas ações. Ter participação para dentro dos clubes. Ter diálogo cada vez mais, e dentro desse diálogo, tentar formalizar uma instituição que representa as torcidas do ponto de vista estadual e, posteriormente, do ponto de vista nacional. Ou seja, e essa instituição, ela não tem que discutir questões domésticas. Problema sempre vai ocorrer, a porrada sempre vai comer, seja próximo [ao] Pacaembu ou seja no extremo periférico. A grande questão é: nós não somos responsáveis pelas ações individuais. As ações individuais, o Estado tem que ser responsável, e tem lei para isso. Dentro da ação coletiva, nós temos que agir juntos, estar juntos. Dentro das bandeiras, tem que agir junto, estar junto. E quando eu falo estar junto não quer dizer a Mancha Verde – mil caras de um lado, e o Gaviões – mil caras do outro lado. Não. Mas os líderes têm que saber o seguinte, ter a ciência, com quem está lidando. Que a gente vive, sim, numa sociedade dividida, que o futebol tem os seus interesses, e tem as pessoas que, o seguinte, vai pender para lado a, por conta de interesse financeiro etc., e tem pessoas que vai querer pender para o lado b, também por questões de interesse financeiro, mas visualizando pelo menos o direito das torcidas. E eu falo para vocês assim, com toda convicção do mundo: esse modelo que está posto quem administra, ou quem está por trás, não sabe ganhar dinheiro. Desculpa. Porque falar para mim [em] ganhar dinheiro só com patrocínio de tevê, mediante a massa que poderia ser movimentada, é extrema tolice. Mas para boa parte dos clubes está cômodo. Está cômodo você... simplesmente, tendo ou não tendo torcedor, você sabe que está caindo na conta, você sabe que os patrocinadores estão lá, pagando oitenta, cento e vinte, trezentos, quatrocentos, seiscentos mil por conta do *merchandising*. Mas poderia ganhar muito mais, mas absurdamente mais, se tivesse a participação do torcedor organizado e [do] não organizado. Veja bem. Os clubes pagam para o Estado [para] ter segurança no estádio. Então... Acho que cada policial deve custar, se eu não me engano, acho que dezoito ou trinta e dois reais, uma coisa assim, para fazer segurança interna no estádio. Se é um clássico, os caras mobilizam lá uma média de trezentos policiais etc. etc.. Mas para fazer o quê? Só a segurança do torcedor? Não é só a segurança do torcedor. Você tem que entrar no processo de reeducação desse torcedor, e atrelado à mídia. Tem que chamar o torcedor, as torcidas organizadas para a responsabilidade

que cabe a elas, e dentro desse processo, dentro desse processo, começar, na verdade, uma nova postura de reeducação desse torcedor, para as próximas gerações. Eu dou o exemplo a vocês no que diz respeito à Alemanha. Olha só. A Alemanha não é o berço do *hooliganismo*. Inglaterra é o berço do *hooliganismo*. Só que a violência na Alemanha, ela foi muito similar ao que ocorreu na Inglaterra na década de 80 e um pouquinho ali na década de 90. Agora a Alemanha, ela pegou uma questão inglesa, que foi o quê? Cada vez mais que a mídia expunha aquelas imagens [do] torcedor saindo na mão, cada vez mais o torcedor da Alemanha, também, saía às ruas para sair no braço. Então a primeira coisa que o governo começou a fazer: não, vamos enfatizar o jogo. Porra. Mas o alemão é parádão, alemão é mais na quieta, aquela coisa toda, grita mas não grita e tal. Vamos mudar esse aspecto aqui. Vamos meter uma cerveja nos caras, e outras coisinhas mais que os caras usam também, e vamos pegar um formato. Qual o modelo que está no mundo? O modelo é o dos caras lá de baixo, cara, os caras lá da América Latina lá. Vamos lá? Vamos. Os caras vieram para São Paulo? Não vieram para São Paulo. Os caras vieram para o Rio de Janeiro, foram para o Maranhão, foram para Pernambuco, foram para o Ceará, se atrelaram às torcidas -, como é que faz, como é que isso, como é que aquilo -, começou a promover feiras internacionais na Alemanha, seminários, se atrelou à universidade... A universidade ficou até assim... “Caramba. Chegou um grupo de alemão, tem grana, está bancando, e a gente não tem profissional, ou aqui no caso, professores, mestres, que discute ou estuda a temática. Puta. Então vamos lá para São Paulo”. Aí, lá em São Paulo, encontraram lá Maria... Heloisa Helena Baldy [dos Reis]. “Pô. Tem Heloisa Helena Baldy aí e tal, dá para auxiliar em alguma coisa”. Aí foram na USP, pegaram lá o professor... Figueiredo? Não. Esqueci o nome dele. Discuti essa temática acho que em 90, início de 90.

J.F. – Luiz Henrique de Toledo?

A.G. – Isso. Luiz Henrique de Toledo. Aí foram para o Rio de Janeiro, pegaram outro professor, lá da Federal Fluminense, que é um fluminense roxo, gente boa, meu amigo, gente boa demais. “Porra, cara. Vamos levar esses caras de novo para lá”. Esse professor da Universidade [Federal] Fluminense foi o mais esperto de todo ali, falou: “Não. Espera aí. Desse evento aqui, já vamos criar um time, Brasil e Alemanha, e já vamos começar a promover outros encontros, posteriormente”. Para os alemães, foi ótimo. Por quê? Eles começaram a pegar o modelo brasileiro de torcida, começaram a exportar. Começaram a exportar.

J.F. – Vocês foram procurados?

A.G. – Fomos procurados pelo governo alemão.

— *Dois minutos para acabar a fita. Só para não cortar no meio do raciocínio, é melhor trocar já.*

[FIM DO ARQUIVO III]

A.G. – (.....) agride um torcedor que invade o campo. Aí as duas torcidas pulam para dentro do campo e arrebentam os policiais. Não sei se vocês viram isso.

R.P. – Acho que eu já vi. Eles vêm, começam a bater, daí o pessoal vem e...

A.G. – A torcida do Milan e a torcida do Internazionale. A polícia italiana mata um torcedor do Internazionale. Os caras param o jogo e vai para cima da polícia. E aí, agora, há dez anos, fortaleceram o Movimento [Acabe], que são os policiais [bastardi], aquela coisa toda. E está tomando o Leste Europeu como um todo. E esse Movimento [Acabe], eles estão atropelando os neonazistas. A torcida Nazi, eles estão atropelando, e montando um outro conceito na cabeça da nova molecada, da nova geração.

J.F. – A Gaviões tem contatos com torcidas fora do Brasil?

A.G. – Sim. Bom. Eu, particularmente, tenho contato com Los Borrachos del Tablón, de Buenos Aires, a torcida do River [Plate], tenho três grandes amigos lá. Passei uma temporada em Buenos Aires também, nas minhas férias, passei quarenta e cinco dias, estando dentro do movimento de torcida. E uma das coisas assim que eu achei fantástica, em Buenos Aires, é o grau de politização das torcidas. E quando eu falo em politização é a participação, mesmo, das torcidas com as centrais sindicais, com os movimentos de trabalhadores, com os movimentos sociais, para dentro da universidade. Eu diria para você que as torcidas, na Argentina, elas chegaram ao ponto... E eu não estou exagerando, acho que é até bom você conversar com um camarada da Argentina, um argentino, até para tirar essa dúvida, que, quando eu falo... “é um pouco de exagero desse camarada”, mas não é. As torcidas na Argentina chegaram a tal ponto de decidir uma eleição presidencial. Olha o ponto de organização, ao grau de organização que esses caras chegaram. Eles têm uma associação nacional, eles participam, sim, de um partido político, o Partido Peronista, partido, no caso, da atual presidente Cristina Kirchner, e eles são a frente desse partido. Então, quando teve a manifestação... aliás, a imposição do governo contra a organização Clarín, as torcidas, elas estiveram à frente desse movimento, pedindo que todos os meios de comunicação da Argentina fossem realmente democratizados. Agora você imagina se ocorresse isso no nosso país, com a força das torcidas organizadas? Que se quebrasse esse monopólio dessa grande mídia. Porra. Ia ser salutar [salutar] para a sociedade; você poderia aí ter, na verdade, a possibilidade de ouvir os dois lados, não só um lado só, somente um lado. Veja bem. Nós acabamos de passar por um processo eleitoral. Na semana da eleição, (isso aí vocês podem buscar) os caras me soltam uma revista, colocando em cheque a atual presidente e o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Na *semana* das eleições, faltando quatro dias. Eu acompanho de perto isso aí, falei: “puxa vida!” Aí a imprensa montando um discurso único. Você ligava o telejornal, você ligava o jornal da manhã, discurso único. Falei: “Puxa vida!” Parecia que país, de fato, estava num lamaçal absurdo, absurdo, ou seja, todo o governo estava usurpando ali, na questão pública etc.. Passou as eleições... Isso ficou muito marcado na minha memória. Passou as eleições, no outro dia, o mesmo canal de imprensa menciona o escândalo na Câmara Municipal de São Paulo, com vereador que pertence ao partido de oposição à presidência da República. Pensei comigo: “Quando você faz uma gravação, (como a gente é da área da comunicação) você faz com dias de antecedência; você vai editar, você vai preparar ali as melhores partes etc. e vai expor, montar o roteiro, e vai expor para o telespectador. Por que não lançaram no mesmo dia ou na mesma semana essa outra informação, de um outro partido político?” Ou seja, infelizmente, na nossa sociedade, a imprensa – não, a grande mídia, ela tem lado; e o lado que está posto é o lado que eu julgo obscuro, que não é o lado do diálogo, do debate e das ideias etc.. Isso ocorre com as torcidas organizadas também. Por quê? As torcidas ainda, infelizmente, não enxergaram o papel que elas deveriam exercer e o poder que elas têm. E não é pouco. E não é pouco.

R.P. – Eu queria te ouvir sobre a tua experiência na Arena Corinthians: como é a Arena Corinthians, a experiência que você teve, o significado, o que mudou.

A.G. – Eu, particularmente, o seguinte. Do ponto de vista de ter trazido para o bairro aceleração do desenvolvimento, é extremamente saudável. Do ponto de vista do espaço para a torcida e para o torcedor, eu acho que precisa ser melhor utilizada. Eu costumo dizer... E fica muito difícil para mim, que pertence aos Gaviões e a uma torcida organizada. É lógico que eu vou puxar sempre sardinha para a questão da torcida organizada. Mas na minha cabeça é muito óbvio de que você promovendo a festa na arquibancada através da torcida organizada, dando ênfase para a torcida organizada, automaticamente, você melhora o espetáculo, promove o espetáculo e você tem mais... como que eu posso afirmar para você? – você tem mais elementos

para oferecer para quem está patrocinando aquele evento. Que é a matemática lógica. O cara que quer investir ou expor a sua marca, ele quer ver público; e se esse público está interagindo com a sua marca, tanto quanto melhor. Por isso que eu estou te falando. É de uma ignorância absurda dos nossos dirigentes não - de certa forma, não promover a festa na arquibancada, não promover o entretenimento real do que é o futebol, principalmente no nosso país. É um absurdo. Problemas, irá ocorrer. Os problemas estão aí para ser sanados. Mas para ser sanado com base em quê? Você tem que oferecer algo. É uma contrapartida. A minha tese é essa: a partir do momento que a torcida organizada tiver o espaço na arquibancada, de direito, em que ela promova a festa, o entretenimento, o lazer etc., ela começa a mudar a concepção desse novo associado. Porque a nossa geração não teve ninguém para falar: “olha, não faz, para, vai dar merda!”. Hoje eles têm. E não é qualquer líder que está falando. Hoje a Mancha tem o Jânio, hoje a Dragões tem o André, hoje a Torcida Independente tem o Batata, tem o Negão, os Gaviões, hoje, têm o Minduim, tem o Pulguinha. Ou seja, é cara que passou toda a experiência possível dentro do mundo torcida, que está falando hoje, para o novo associado, o seguinte: “Olha. A linha não é essa mais. É passado. Esquece. História é história. O mundo hoje é outro, e o momento é esse: estar dentro do clube, reivindicar dentro do clube, participar dentro do clube e ajudar a sua instituição; ajudar a sua sociedade, ajudar no dia a dia o teu associado, ajudar ao próximo etc.; e lutar pelo nosso espaço na arquibancada. Para quê? Para promover festa, entretenimento, lazer etc.. A nossa disputa tem que ser na arquibancada. Nossa disputa tem que ser voltada lá para dentro do campo”. É isso que essa molecada tem que ouvir desses líderes, da minha geração principalmente. O mundo é outro. A minha filha já não vai aceitar o que a minha geração fez no passado. O torcedor de hoje já não vai mais aceitar o que nós fizemos no passado, então a gente tem que mudar essa concepção e pedir para o nosso associado, principalmente para o novo associado, começar a pensar de uma [dessa] forma que eu estou mencionando. O caminho é esse. Aquele outro caminho, nós acertamos numa parte e erramos numa outra. E vocês viram aí o que está acontecendo. A nossa paixão está indo embora, o motivo de a gente estar na arquibancada quase que já não tem, e se continuar nessa mesma toada, você pode ter a plena certeza que corre o risco da gente acabar. E isso eu, particularmente, não quero. Quero ver, se não no Pacaembu, lá dentro da Arena, mas em qualquer estádio do nosso país ou do mundo, uma Gaviões da Fiel forte, uma Gaviões da Fiel pulando, ali, noventa minutos, apoiando o Coringão noventa minutos, com as suas bandeiras, com fogos, com seus mosaicos etc. etc.. Não só os Gaviões, mas todas as torcidas. Porque isso, na minha concepção, faz parte do futebol, tem que estar dentro do futebol. Futebol não é só as quatro linhas e os vinte e dois jogadores. Não. São isso que eu estou mencionando, mas é a torcida também. E eu espero que, num futuro próximo, a gente possa fazer uma nova entrevista, falar: “Poxa... Eu acho que você tinha razão, Minduim”. [risos] Tranquilo?

J.F. – Tranquilo. Muito obrigado.

A.G. – Eu que agradeço.

[FIM DO DEPOIMENTO]